

EVOCANDO OS PODERES DO CÉUS

O seguinte comentário do Élder Bruce R. McConkie refere-se a um processo com o qual todos os membros de “A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias” devem estar familiarizados.

Referindo-se ao processo da ORAÇÃO, ele nos encorajou a “aprendermos a invocar o Senhor de maneira franca e eficaz, não somente com palavras, mas também em espírito e poder “para que possamos fazer derramarem-se sobre nós os próprios poderes do céu. Esses poderes são reais e podem influenciar dramaticamente o curso dos acontecimentos em nossas vidas.” (“Why the Lord Ordained Prayer”, The Ensign, Janeiro/1976, pg. 9)

No que diz respeito ao nosso relacionamento com DEUS, eles abrangem qualquer influência ou poder (inspiração, dom do espírito, poder do sacerdócio, etc) que é governado por Deus e opera em nosso favor. Um estudo das escrituras nos revela que os meios pelos quais os poderes do céu podem ajudar aos homens, são virtualmente ilimitados. Para alcançarmos nosso potencial nesta vida, precisamos aprender a evocar os poderes do céu. Nenhum nível de conhecimento ou habilidade pode compensar a ausência de tais poderes em nossas vidas. Com a ajuda deles, poderemos alcançar sucesso nesta vida mortal, apesar de nossas fraquezas, porque seguramente os poderes do céu compensam as fraquezas humanas.

Se aprendermos a invocar os poderes do céu, nossas limitações, experiências e fraquezas físicas tornar-se-ão insignificantes. O Senhor prometeu que se nos dirigirmos a ele com humildade, nossas fraquezas se transformarão em força: “E se os homens vierem a mim, mostrar-lhes-ei sua fraqueza. E dou a fraqueza aos homens a fim de que sejam humildes; e minha graça basta a todos os que se humilharem perante mim; porque caso se humilhem perante mim e tenham fé em mim, então farei com que as coisas fracas se tornem fortes para eles.” (Éter 12: 27)

Nosso acesso aos poderes do céu torna-se possível a realização dessa promessa, pois, se aprendermos a obtê-los, nossos talentos e habilidades aumentarão grandemente. Nossas mais elevadas realizações nesta vida dependerão mais da habilidade que tivermos em evocar os poderes do céu em nosso favor do que da confiança em nossas habilidades naturais.

O Presidente Ezra Taft Benson declarou: “As pessoas que devotam suas existências a Deus descobrem que ele pode fazer mais da vida deles do que jamais poderiam por si mesmos. Ele expandirá sua alegria, ampliará sua visão, estimular-lhes-á a mente, fortalecerá seus músculos, edificará seus espíritos, multiplicará suas bênçãos, aumentará suas oportunidades, confortará suas almas, cercá-los-á de amigos, enchê-los-á de paz. Qualquer que perder sua vida por amor a Deus, achará a vida eterna” (E.T.Benson, “Jesus Christ, Gift and Expectations”, The New Era, pg. 20, Maio;1975)

Quando aprendemos a evocar os poderes do céu, veremos essa promessa se cumprir em nossa vida.

Os poderes do céu são governados por leis espirituais; sua recepção é condicionada à observância da lei. Quando os entendermos e soubermos viver de acordo com a lei, poderemos constantemente evocar os poderes do céu para ajudar-nos em todos os nossos empreendimentos.

As escrituras nos dizem claramente que devemos obedecer a leis específicas a fim de recebermos determinadas bênçãos (leia D&C 130: 20-21).

É através de nossos próprios esforços que nos qualificamos a receber diversos dons e bênçãos que vêm através dos poderes do céu. “... os poderes do céu não podem ser controlados nem exercidos a não ser de acordo com os princípios da retidão.” (D&C 121: 36) Quando nos conscientizamos de que os poderes do céu são governados pela lei, o desafio que temos é o de nos familiarizarmos com as leis e princípios que os governam. É difícil, senão impossível, obedecermos a certas leis e princípios a não ser que as conheçamos e tenhamos um claro entendimento do que é requerido para vivermos de acordo com essa lei.

Quando terminar de ler este livro, você entenderá perfeitamente a fé e, o que é mais importante, compreenderá claramente o processo pelo qual ela governa os poderes do céu. Você saberá muito especificamente como evocá-los para ajudar-lhe a concretizar seus mais sublimes anseios. Você entenderá também o papel que o pensamento desempenha no ato de exercer a fé e como enfrentar as provações da fé que, com certeza, encontrará quando tentar evocar os poderes do céu.

Infelizmente, muitos membros da Igreja vêem muitos aspectos de seus esforços mortais serem profundamente limitados (chamados na igreja, responsabilidades paternas e profissionais, vida social, escolaridade, etc) porque não sabem como evocar os poderes do céu em seu favor. O objetivo principal deste livro é ensinar os membros da Igreja a evocá-los. Para fazer isso a pessoa deve saber como exercer fé, porque tais poderes são por ela governados.

Ao ler este livro você conscientizar-se-á de que o processo de exercer fé é mais profundo do que se pode imaginar. Neste ponto da sua vida, seu entendimento de fé é baseado nesta definição muito conhecida: “Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem.” (Hebreus 11: 1)

Sua habilidade pessoal em evocar os poderes do céu é extremamente limitada, a não ser que entenda especificamente qual é o processo preciso para exercer fé. Não é suficiente Ter a habilidade de exercer uma forma vaga de fé. O ato de exercer a fé necessária para evocar os poderes do céu envolve um processo bem específico. Para fazer isso de maneira eficaz você deve entender perfeitamente o processo e então aprender a aplicá-lo em seus esforços diários. Este livro ajudá-lo-á a entender o processo necessário para evocar os poderes do céu no sentido de abençoar sua vida. Quando seguí-lo de maneira bem sucedida, estará apto a evocar os poderes do céu para ajudá-lo a realizar seus anseios mais dignos.

CAPÍTULO 01

A Natureza e Função da Fé.

O Profeta Joseph Smith ensinou a respeito da fé: (1)... a fé é a causa que persuade toda ação tanto nas coisas temporais como espirituais; (2) A fé não somente é um princípio de ação, mas também de poder, e (3) A fé, portanto, é o primeiro princípio governante que tem poder, domínio e autoridade sobre todas as coisas...

Geralmente os membros da Igreja não têm dificuldade em entender os aspectos mais básicos da fé como crer que Deus vive, que Jesus é o Cristo, que existe vida após a morte ou crer de modo geral no plano de salvação. Contudo, muitas pessoas consideram difícil entender o tipo específico de fé necessário para evocar os poderes do céu para ajudá-los a serem mais bem sucedidos em todos os aspectos da vida. Ao meditarmos sobre isto, é fácil entendermos que a fé é a causa que persuade toda ação, quer seja para vencer, plantar uma horta ou estudar para uma prova. Contudo, muitos de nós não conseguimos entender o processo necessário para ter uma experiência semelhante à que Joseph Smith se refere como o poder que vem através da fé. É importante que compreendamos que esse poder vem de Deus e que aprendamos a invocá-lo, porque sem os poderes do céu somos extremamente limitados em tudo aquilo que podemos empreender em todos os aspectos da vida. Os membros da Igreja têm o poder de fazer tudo pela fé (2 Néfi 1:10). Usando-a como princípio de poder conseguiremos realizar certas coisas ou viver experiências que não conseguiríamos gozar sem o auxílio dela.

A FUNÇÃO DA FÉ - O seguinte exemplo ilustra o papel que a fé desempenha no processo de motivar-nos a agir:

Se um homem deseja perder 5 quilos, ele terá que seguir os seguintes passos: (1) Ter fé na lei que determina a perda de peso, (2) Decidir-se a fazer exercícios diários e comer menos. (3) Manter um esforço constante, motivado pela fé. Muitos desejos, porém, não poderão ser realizados unicamente pela fé que nos leva a agir. Há muitos anseios que requerem uma ajuda especial do Senhor além da firme determinação de nossa parte. Por exemplo: Se um homem está caçando e vem a se perder durante uma tempestade de neve e começa a orar ao Senhor que poupe sua vida e o inspire em que direção seguir para encontrar um abrigo ou ajuda, esse desejo não se realizará a não ser que essa pessoa tenha sucesso em evocar os poderes do céu para assisti-lo.

A fé, portanto, como um princípio ativo, envolve resoluções, propósitos e determinação. A fé como um princípio de poder envolve estes três princípios, mais as seguintes atitudes: (1) Crer no Senhor Jesus Cristo. (2) Determinação da parte do indivíduo em obedecer a todos os requisitos de Deus. (3) Dispensação dos poderes do céu (maior força, poder e vitalidade recebidas de Deus).

Muitos desejos justos são de natureza muito pessoal e deve-se procurar realizá-los através da fé individual; não obstante, há alguns anseios que justificam ou mesmo requerem a fé de mais de uma pessoa. Quando for esse o caso, precisamos estar atentos à fé ou a falta de fé das outras pessoas envolvidas. Em alguns casos a falta de fé por parte da maioria suprime a fé da minoria dos justos. Em outras palavras, sob algumas condições, o desejo dos justos podem não ser realizados, mesmo se houver fé entre eles alguém com fé suficiente para fazer derramarem-se os poderes do céu.

Através das escrituras vemos como a fé de um indivíduo resultou em bênçãos de multidões, todavia, também aprendemos nelas que essa regra tem exceção. Por exemplo, quando Mórmon foi chamado para comandar os exércitos nefitas, sua fé foi fator chave nas vitórias que alcançaram nas batalhas, e, mesmo assim, os nefitas não notaram que era devido à mão do Senhor que eles venciam, e vangloriavam-se de sua própria força. Finalmente a habilidade de Mórmon em exercer a fé em favor deles foi sufocada, (veja Mórmon 3: 12).

Existem, sem dúvida, muitos casos em que a influência dos poderes do céu requerem o exercício da fé coletiva. No caso do trabalho missionário, a falta de fé por parte de um dos companheiros pode obstar a influência do Espírito enquanto ensinam uma família. Da mesma forma a falta de fé por parte de várias pessoas pode diminuir a espiritualidade numa reunião da Igreja.

Quando alguém adoece, a fé conjunta dos que se associam na unção e bênção controla os poderes do céu. Obviamente, a grande fé exercida por uma única pessoa pode ter um tremendo efeito quando se ministra uma bênção, mas, em última análise, é a fé conjunta ou a falta de fé de todos os associados à bênção que determina se aquela ordenança surtirá ou não efeito.

Um indivíduo (líder missionário de uma certa ala) possuidor de grande fé, pode evocar os poderes do céu, mas o processo será facilitado quando mais de uma pessoa deposita fé no desejo a ser realizado. Logo que passamos a ser eficientes em evocar os poderes do céu através da fé, devemos fazer todo o possível para ensinar o processo aos outros. Se trabalharmos diligentemente neste propósito, poderemos ser um instrumento eficiente para ensinar muitos outros a se tornarem efetivos em evocar os poderes do céu. Notaremos que quando as outras pessoas com quem nos associamos aprendem a exercer fé, o esforço do grupo será apoiado pelo poder do céu de maneira extraordinária.

Nas Missões, Estacas, Alas e famílias, onde grupos costumam exercer fé coletiva, o resultado é o derramamento dos poderes do céu abençoando as vidas de centenas ou milhares de pessoas. A evidência mais óbvia da fé coletiva é o número de pessoas filiando-se numa determinada área.

A fé coletiva é a chave para a realização do desejo do Presidente Kimball (e de outras autoridades da Igreja) em ver milhões de pessoas filiando-se à Igreja a cada ano. Assim que a fé coletiva da Igreja for suficiente, milhões de pessoas se filiarão à Igreja a cada ano, cumprindo a profecia referente a ela, a qual diz que "(rolaria) como uma pedra até encher toda a terra".

Como membros da Igreja precisamos conscientizar-nos de que o cumprimento dessas profecias depende da fé coletiva de todos nós. Notaremos que é mais fácil exercer fé quando é apoiada pela de outros, como é o caso em muitas tarefas físicas, como, por exemplo, o ato de levantar objetos pesados ou empurrar um carro, que não podem ser feitos a não ser que as pessoas juntem suas forças físicas num mesmo sentido. O mesmo acontece a muitos desejos justos; eles requerem fé coletiva ou combinada de várias pessoas.

Na primeira vez em que ler este livro, responda às seguintes perguntas numa folha de papel: O Que significa os Poderes do céu? Em que sentido a fé requerida para perder cinco quilos de peso difere daquela necessária para converter alguém através do poder da fé e da oração? Se possível, debata suas respostas com alguém que esteja lendo este livro.

CAPÍTULO 02

A FÉ E OS PODERES DO CÉU

Assim que desenvolvermos uma fé básica em todo o plano de salvação, arrependermo-nos, adquirirmos um testemunho do evangelho restaurado e vivermos em harmonia com esse mesmo evangelho, estaremos em posição de exercer o tipo de fé que libera os poderes do céu. Sob essa influência poderemos realizar desejos retos que requerem a ajuda do Senhor, como encontrar um bom trabalho e conservá-lo, sobrepujar um mau hábito, converter alguém ou proferir um discurso com o poder do Espírito Santo.

A não ser que exerçamos fé suficiente, negaremos ao Senhor a oportunidade de nos ajudar no decorrer de nossas vidas diárias. As escrituras nos ensinam que certos poderes do céu são governados pela fé dos homens mortais. Veja Éter 12: 16, 18; 1 Néfi: 1:12; Morôni 10: 7; 2 Néfi 27:23; Morôni 7: 33.

Morôni entendeu perfeitamente o papel que tinha a fé para liberar os poderes do céu. Este fato é evidente na resposta a uma revelação que ele recebeu concernente à sua habilidade de sobrepujar suas fraquezas; ele expressou sua gratidão ao Senhor, leia Morôni 10: 29, 31.

Jesus fez milagres de acordo com a fé do povo, conforme demonstrado nas seguintes escrituras: Mateus 8:13; Mateus 9: 20-22; Mateus 13:58; 3 Néfi 17:8.

É importante que compreendamos que a influência dos poderes do céu em nossas vidas é governada ou controlada pela fé, ou, em outras palavras, as mãos do Senhor estão atadas até que exerçamos fé. Assim como a fé sem obras é morta (Tiago 2: 14-20), também as obras sem fé são mortas, se não forem apoiadas pelos poderes do céu. O Senhor disse que se tivermos dúvidas em nossos corações, estaremos negando a nós mesmos as bênçãos do céu: “Esforçaste-vos para crer que receberíeis a bênção que vos foi oferecida; mas eis que em verdade vos digo que havia temores em vosso coração e, em verdade, esta é a razão por que não a recebestes.” (D&C 67: 3). Por exemplo: se não temos fé, poderemos gastar horas nos preparando para dar uma boa aula na Escola Dominical e ainda assim não conseguir tocar os corações dos membros da classe. Não importa quanto tempo dediquemos a uma tarefa, nosso nível mais elevado de realizações é limitado, a não ser que aprendamos a exercer fé necessária para receber a força e poder adicionais que Deus pode oferecer.

Avaliamos os membros da Igreja que são motivados a pagar um dízimo integral; existe um número significativo deles que, ao contrário, negam a si mesmos a plenitude das bênçãos provenientes do pagamento do dízimo porque lhes falta a fé necessária para permitir ao Senhor que os abençoe pela observância da lei. Precisamos conscientizar-nos de que o pagamento do dízimo é apenas uma parte da lei. A lei integral requer que tenhamos a fé que torna possível ao Senhor abençoar-nos por pagarmos nosso dízimo. O mesmo princípio aplica-se ao abençoarmos os enfermos. O Senhor não abençoa aquele que pede a bênção em medida além da união da fé daqueles que estão administrando. Certamente, há muitas bênçãos que o Senhor gostaria de estender aos membros da Igreja individualmente se eles unicamente exercerem a fé que o permitirá concedê-las. Em outras palavras, precisamos Ter retidão em nossas vidas (obras), que geralmente excedam à nossa fé. Se nossa fé fosse mais forte do que atualmente é, receberíamos maiores bênçãos como resultado de nossa vida em retidão.

O processo de se obter colheitas nos dá um exemplo excelente da fé como elemento motivador da ação que, em algumas condições, requer que invoquemos a assistência dos poderes do céu. Analisemos:

Nossa fé no processo da vida nos motiva a plantar as sementes, regá-las, etc. Todavia, elas correm riscos naturais como os das secas, ou, como aconteceu aos pioneiros da Igreja, dos gafanhotos. Diante dessas ameaças, é necessário, então, invocar os poderes do céu para que nossas colheitas sejam preservadas.

Consideremos agora um missionário que se defronta com a tarefa de memorizar as palestras. A fé lhe dará a segurança de que pode alcançar esse objetivo, esforçando-se para alcançá-lo. Se ele depender exclusivamente da fé que o motiva à ação, o tempo que levará para memorizar as lições será determinado pela sua habilidade, porém, se ele exercer a fé necessária para evocar os poderes do céu, sua capacidade de memorizar será facilitada através do Espírito, e estará apto a fazer isto em menos tempo.

O papel que a fé desempenha no ato de motivar, tanto quanto o poder que vem através dela, aplica-se a toda área de aprendizagem. Através dos poderes do céu, nossa habilidade intelectual pode ser magnificada. Além disso, o Senhor declarou que podemos ser ensinados pelo Alto se procurarmos obter conhecimentos específicos por meio da fé e da oração: “E partam de lá pregando a palavra pelo caminho, dizendo nada mais do que escreveram os profetas e apóstolos e o que lhes foi ensinado pelo Consolador por meio da oração da fé” (D&C 52: 9).

Através dos poderes do céu, discernimentos e compreensão podem ser revelados a nossas mentes. Essa promessa se aplica a todas as áreas de averiguação, não somente ao campo teológico. Por exemplo: Se os pais têm alguma dificuldade em controlar o comportamento de uma criança, eles podem ser ensinados através da inspiração em como resolver esse problema.

Analisemos agora o papel da fé na inspiração. Se uma pessoa está se defrontando com uma decisão difícil, a fé pode motivá-la a orar buscando orientação do Pai Celeste. Não obstante, a menos que ela exerça a fé necessária para obter os poderes do céu, o Senhor não poderá inspirá-la no que diz respeito ao seu problema ou, em outras palavras, a fé do indivíduo governa em grande parte a sua habilidade em receber inspiração. Um outro exemplo é o esforço que um santo dos últimos dias faz para inspirar um não-membro à filiar-se à Igreja; a fé pode motivá-lo a passar alguns momentos com o pesquisador e confraternizar com ele de todas as formas exteriores. Através do poder da fé, o membro da Igreja pode rogar ao Senhor para que toque o coração do pesquisador pelo Espírito e o motive a investigar o evangelho.

Em cada um desses exemplos é fácil ver o papel que a fé desempenha em motivar o indivíduo a agir e a sua função como um princípio de poder para evocar os poderes do céu. No futuro deveremos nos esforçar um pouco mais no sentido de analisarmos o papel que a fé desenvolve em nossa luta para alcançarmos alguma coisa. Devemos fazer um esforço consciente para analisarmos o papel da fé ao motivar-nos à ação e os ocasiões em nossas vidas em que as situações requerem o uso da fé como princípio de poder e, assim fazendo, estaremos mais atentos ao poder da fé no curso de nossa existência.

Em resumo, devemos clamar constantemente ao Senhor para que nos ajude a concretizarmos nossos desejos justos e depois nos certificarmos de que a fé acompanha nosso viver em retidão, permitindo que o Senhor tenha oportunidade de nos abençoar.

Na primeira vez que ler este livro, responda por escrito a seguinte pergunta: O que governa os poderes do céu quanto ao cumprimento de um desejo justo? Se possível, debata sua resposta com alguém que está lendo este livro.

A FÉ É A CHAVE PARA A EXCELÊNCIA

No decorrer de nossa vida são necessárias diversas coisas que não podemos completar, mesmo com um certo grau de excelência, sem a ajuda do Senhor. Haverá muitas coisas que teremos de fazer todos os dias e que faríamos muito melhor se soubéssemos como evocar os poderes do céu para nos auxiliar. Para alcançarmos todo o nosso potencial, deveremos aprender a exercer uma fé permanente que fará com que o Senhor nos ajude a realizar metas e anseios que não poderíamos alcançar sem a sua ajuda. O ato de esse tipo de fé envolve um processo específico que temos que aprender a dominar.

RETIDÃO—UM REQUISITO INDISPENSÁVEL DA FÉ

A não ser que vivamos em harmonia com os princípios do evangelho, por exemplo: pureza de pensamentos e ação, motivos justos, obediência, dedicação, etc, não poderemos exercer a fé que derramará os poderes do céu. Leia Mórmon 1: 13-14; D&C 121: 36.

Quando estamos obedecendo aos mandamentos do Senhor, vivendo em retidão, pagando o dízimo integral, estudando o evangelho e desempenhando conscientemente nossas designações na Igreja, poderemos evocar os poderes do céu para abençoar nossa vida. Leia D&C 82: 10.

O Élder Bruce R. McConkie nos diz: “A fé é um Dom de Deus conferido em recompensa à retidão pessoal. É sempre dado quando a retidão está presente e quanto maior grau de obediência às leis de Deus, maior será o Dom da fé.” (“Mormon Doctrine – página 264) Consequentemente, a fé só pode ser exercida por aqueles que vivem em conformidade com os princípios da verdade que emanam de Deus.

Se pudermos responder afirmativamente às seguintes perguntas, poderemos estar certos de que nossa vida está suficientemente em harmonia com os princípios do evangelho necessários ao exercício da fé:

01. Se você já esteve envolvido numa transgressão à lei da castidade, o assunto já foi resolvido através da competente autoridade do sacerdócio?

Você se esforça zelosamente para cumprir seus deveres na Igreja freqüentando as reuniões do sacerdócio, sacramental, escola dominical, etc.?

Você apoia o Presidente da Igreja como profeta, vidente e revelador e reconhece que nenhum outro homem na terra possui todas as chaves do sacerdócio?

Você apoia as autoridades locais da Igreja?

Você paga seu dízimo integralmente?

Você é totalmente honesto em seus negócios?

Você guarda a palavra de sabedoria?

02. Você se esforça para viver de acordo com todas as regras, padrões e doutrinas aceitas pela Igreja?

03. Se já passou pelo Templo, você usa as roupas recomendadas pela Igreja, dia e noite?

04. Se estiver faltando algo em sua vida, foi resolvido pela autoridade apropriada do sacerdócio?

A respeito da nossa dignidade pessoal, devemos estar cientes do quanto é grave mentir para os representantes do Senhor ou deixarmos de viver à altura das promessas feitas a eles. O Senhor não tolerará que prestemos informações falsas a um de seus representantes designados.

O Presidente Spencer W. Kimball nos advertiu que: “aqueles que mentem aos líderes da Igreja esquecem ou ignoram uma norma importante que o Senhor estabeleceu: quando ele chama homens para ocupar elevadas posições em seu Reino e os investe com o manto da autoridade, mentir para eles é o mesmo que mentir para o Senhor; uma meia verdade para seus oficiais é igual à meia verdade para o Senhor. O Senhor não será escarneado”. Se você sente que precisa de maior esclarecimento concernente à confissão feita a um dos seus escolhidos do Senhor, leia o livro “O MILAGRE DO PERDÃO” de Spencer W. Kimball, S.L.C. Bookcraft, 1969)

Na primeira vez que ler este livro, responda por escrito a seguinte pergunta: Quem pode exercer fé?
Se possível, debata a resposta com alguém que esteja lendo este livro.

OS DESEJOS RETOS E A FÉ

O Senhor prometeu que concederia aos homens segundo os desejos de seus corações. Veja Alma 29: 4; D&C11:8.

O desejo é mais do que a simples vontade. É uma convicção motivadora que nos incentiva à ação. Os seguintes trechos de um discurso proferido pelo Élder Bruce R. McConkie para novos presidentes de missão nos fornece esclarecimentos adicionais sobre o relacionamento que existe entre o desejo e a fé:

“Batizar é uma questão de atitude, desejo e sentimentos. Nós queremos conversos e nunca dizemos a um missionário: não batize a não ser que ...” Nós sempre dizemos: Podem batizar, existem pessoas especiais e maravilhosas lá fora, eis o que vocês devem fazer. Damos aos missionários afirmação de caráter inteligente; nós os intuimos a fazer o trabalho e os motivamos então, de uma maneira ou outra, e o Senhor faz o resto; então eles trazem pessoas para a Igreja. “Se tu podes crer, tudo é possível ao que crê.” (Marcos 9:23)

Temos que pedir ajuda ao Senhor; temos que procurar conversos; temos que desejar batismos; temos que saber que recebemos de acordo com os nossos anseios e se desejamos obter uma determinada coisa e tivermos fé no Senhor, Ele realizará os desejos de nosso coração. Não estamos obtendo os resultados que deveríamos, nem o número de batismos que, a meu ver, o Senhor espera que consigamos. Ao menos em parte, as rodas de nosso carro estão deslizando sem irmos avante ... Talvez o que esteja errado é que não temos desejado com fé, com todo o nosso coração, trazer almas para o Reino. Talvez ainda não tenhamos decidido que podemos e traremos muitas pessoas para a Igreja. Agora, francamente, se ganhamos muitos poucos conversos, depende da disposição da nossa mente. (B.R. McConkie, Seminário para Presidentes de Missão, Junho/1975, pgs. 1-4)

Num discurso o Élder McConkie falou sobre os trabalhos missionários de Alma. No oitavo ano do reinado dos juizes, Alma, que era o Juiz Superior e também Sumo Sacerdote Presidente da Igreja. O progresso da Igreja começou a diminuir porque as pessoas orgulhavam-se de suas elevadas posições e seus corações estavam inclinados para as coisas vãs do mundo. Num esforço para corrigir a situação, alma nomeou alguém para ocupar seu lugar como Juiz superior sobre o povo para que ele próprio pudesse dedicar seu tempo exclusivamente no ministério. O grande desejo que alma tinha de ver o povo filiando-se à Igreja tornou-se evidente quando o povo da cidade de Amoniah rejeitou sua mensagem. Quando Alma tentou pela primeira vez pregar ao povo daquela cidade, eles não lhe deram ouvidos porque Satanás tinha grande influência em seus corações, porém, Alma ainda queria que eles fossem batizados, por isso orou para que o Senhor preparasse um caminho para que isso acontecesse. Os registros nos dizem que ele “esforçou-se muito em espírito, suplicando a Deus, em fervorosa oração, que derramasse o seu Espírito sobre o povo que se achava na cidade; e que também lhe permitisse batizá-los para o arrependimento” (Alma 8: 10). Então, de acordo com os desejos de Alma, o Senhor preparou o caminho para o batismo de um homem proeminente e rico chamado Amuleque, sua esposa, filhos e parentes (Alma 10:11).

Depois de sua conversão, Amuleque tornou-se companheiro de alma no trabalho do ministério. Em consequência disto o povo de Amoniah começou a se arrepender e a examinar as escrituras (Alma 14: 1). Com o passar dos anos Amuleque continuou ajudando Alma no ministério, “E saíram alma e Amuleque, como também muitos outros que haviam sido escolhidos para o trabalho, a pregar a palavra por toda a terra. E o estabelecimento da Igreja foi geral por toda a parte, em toda a região circunvizinha, entre todo o povo nefita.”(Alma 16:15)

Através dos registros dos trabalhos missionários de Alma, é óbvio que Amuleque desempenhou um papel muito importante no estabelecimento da Igreja por toda a terra. Parece que alma não teria conseguido fazer com que milhares de pessoas fossem batizadas se ele não tivesse desejado de todo o coração batizar o povo de Amoniah, mesmo depois de eles terem rejeitado sua mensagem. Mais tarde, quando alma tentou fazer uma Missão entre os Zoramitas, novamente orou para que pudesse ser bem sucedido. Leia Alma 31: 32-34

Novamente alma convenceu ao Senhor que estava disposto a pagar o preço para obter sucesso: “O Senhor Deus, até quando permitirás que exista tal iniquidade e infidelidade? Ó Senhor, dá-me forças para suportar minhas fraquezas, pois

sou débil e a iniquidade deste povo contrista-me a alma. Ó Senhor, meu coração está extremamente aflito; consola minha alma em Cristo. Ó Senhor, concede-me forças para suportar com paciência essas aflições que sofrerei por causa da iniquidade deste povo.” (Alma 21: 30-31) .Novamente o Senhor concedeu de acordo com os desejos de Alma e fez com que alcançasse sucesso em seu trabalho.

Vemos o mesmo exemplo de amor no trabalho missionário de Amon, um dos filhos de Mosias. O grande anseio desse missionário resultou na conversão de um homem muitíssimo influente, o Rei Laminou, e o caminho foi aberto para que milhares de pessoas fossem batizadas. É importante saber que Amon não teve muito sucesso em seu trabalho missionário até que os seus desejos o motivaram a ser paciente e longânimo com suas aflições. Ele tivera muitas aflições, havia sofrido muito, tanto corporal como mentalmente com fome, sede e cansaço. Como alma, Amon também teve tribulações em espírito (Alma 17:5). Em outras palavras, Amon tinha que convencer ao Senhor de que o seu desejo era batizar os lamanitas e estava disposto a pagar o preço para que pudesse ser bem sucedido; leia Alma 25:17.

Os missionários de nossos dias terão maior sucesso em seus trabalhos se derem ouvidos ao seguinte conselho do Élder McConkie: “O que está errado é que não temos desejado com fé de todo o nosso coração trazer almas para o Reino. Talvez ainda não tenhamos decidido que podemos trazer e traremos muitas pessoas para a Igreja”.

Se os missionários cultivarem o desejo sincero de batizar as pessoas e convencerem ao Senhor de que estão dispostos a pagar qualquer preço em termos de trabalho consciente etc., o Senhor atenderá seus desejos e eles se tornarão instrumentos para batizar muitas pessoas. O que o Élder McConkie disse concernente ao desejo no contexto do trabalho missionário se aplica a todos os desejos justos. Se não estamos concretizando nossos anseios é porque não estamos exercendo a fé com todo o nosso coração; conseqüentemente o Senhor não poderá ajudar-nos a realizar nossos desejos. Lembremo-nos de que receberemos de acordo com o que desejamos. Como disse o Élder McConkie: “Se você deseja Ter uma determinada coisa e tem fé no Senhor, ele realizará os desejos do seu coração.”

Se estabelecermos uma meta para alcançar um desejo especial em retidão, e então descobrimos que nos falta iniciativa para alcançá-la, devemos concluir que ela não é um desejo verdadeiro pois se fosse, seríamos motivados à ação. Muitas pessoas dizem, ao ver um piano: “eu daria tudo o que tenho para poder tocar bem piano. Todavia, elas nunca pagariam o preço requerido para tal praticando todos os dias durante muitos anos, para aperfeiçoarem seus talentos. Se desejamos algo verdadeiramente, teremos a motivação necessária para alcançar com êxito nossa meta. Por outro lado, se não for um desejo sincero, não estaremos inclinados a pagar o preço para realizá-lo. As atitudes e desejo são formados em conseqüência direta daquilo que pensamos. Quando uma pessoa prefere não usar seu livre arbítrio para guiar seus pensamentos, deixa livre para sugestões a dimensão da mente que controla seus desejos. Se não fizermos grande empenho em controlar e dirigir nossos pensamentos, nossos desejos e atitudes poderão ser influenciados principalmente pelo adversário, outras pessoas, música, cinema, televisão, rádio, jornal, revistas, etc. Temos a escolha de deliberadamente guiar nossos pensamentos, ou permitir que outras fontes orientem nossos desejos e atitudes. Nós somos responsáveis pelos nossos pensamentos. Assim sendo, como indivíduos, somos responsáveis pelas nossas atitudes e desejos, porque nossos pensamentos governam nossos desejos íntimos. Somos esforçados ou preguiçosos, atraentes ou insípidos, fiéis ou desobedientes de confiança ou de caráter duvidoso, bem ou mal sucedidos, de acordo com nossos desejos e atitudes. Francamente, se realizamos ou não muitos desejos justos, depende em grande parte da dedicação da nossa mente. Portanto, é importante que aprendamos a controlar nossos pensamentos e concentrá-los em desejos justos.

Na primeira vez em que ler este livro, responda por escrito as seguintes perguntas: O que é o desejo? De acordo com o Élder McConkie, o que o missionário deve fazer para Ter maior sucesso em trazer pessoas para a Igreja? Explique como a falta de desejo e fé resulta em fracasso em outros aspectos da vida. Se possível, debata suas respostas com outra pessoa que esteja lendo este livro.

CAPÍTULO 03

OS PRINCÍPIOS QUE GOVERNAM A FÉ

1. Selecionando Desejos Justos

A fim de evocarmos os poderes do céu, devemos sistematicamente decidir: O que desejamos que o Senhor nos ajude a realizar. É impossível exercermos fé nos poderes do céu que estão ao nosso dispor, sem termos em mente uma meta específica. A falta mais grave dos membros da Igreja com respeito à fé, é não tomarem decisões específicas concernentes às coisas em que desejam o auxílio do Senhor. Por exemplo: A não ser que tomemos terminantemente a decisão de que desejamos ser um instrumento na conversão de alguém, será muito remota a probabilidade de desempenharmos um papel importante no sentido de ajudar na conversão de alguém.

Em nosso relacionamento com o Senhor, a necessidade de solicitarmos bênçãos específicas é um requisito absoluto. Somente a dedicação não é suficiente para recebê-las. Será necessário que as peçamos.

“Portanto, se me pedires, receberás; se bateres, ser-te-á aberto. (D&C 11:5)

Esta mesma promessa é repetida pelo menos umas cem vezes nas escrituras, não obstante, ela de nada nos vale se não estivermos dispostos a pedir ao Senhor com fé, acreditando que ele nos ajudará a realizar o que desejamos.

“Testifico-lhes que o Espírito está bem mais ansioso para auxiliá-los do que vocês estão em ser ajudados.” (Dilworth Young, “Talk Given in the Missionary Home”)

Se considerarmos que as bênçãos são o resultado direto da dedicação, deixaríamos de notar a mão do Senhor em todas as bênçãos que recebemos e, por esta razão é que o Senhor estipulou que devemos pedi-las para que posamos recebê-las. Temos a responsabilidade de estar certos de que nossos desejos em retidão estão apropriadamente focalizados. Veja a declaração do Senhor em D&C 8:10; D&C 88: 64,65; Mosias 4: 21; 2Néfi 32:9.

Os motivos puros são requisitos prévios para que tenhamos a habilidade de evocar os poderes do céu. O Senhor não apoiará nossos esforços para alcançarmos a meta de nos sobressairmos em alguma coisa ou em receber bênçãos especiais se nossos desejos forem vãos. (Gálatas 5: 26). Todavia, devemos nos conscientizar de que podemos Ter os olhos fitos na glória de Deus a ainda assim Ter o desejo de nos destacar nos esportes, na escola, no trabalho, etc. Ter os olhos fitos na glória de Deus quer dizer que a orientação geral da pessoa está centralizada no evangelho de Jesus Cristo. Esta orientação influencia a conduta e atitudes da pessoa todos os dias de sua vida. Geralmente, a dedicação que demonstramos ao desempenhar as diversas responsabilidades que temos na Igreja indica até que ponto nossos motivos são puros. Leia Mateus 6: 33; D&C 46:30.

O Senhor nos admoestou a que devemos procurar obter o seu apoio e inspiração em todos os nossos afazeres (D&C 46:31, Moisés 5:8). Podemos Ter certeza de que se tivermos os olhos fitos na glória de Deus seremos inspirados na seleção de desejos retos (leia 3 Néfi 19: 24, D&C 50: 29-30).

Temos a responsabilidade de estar certos de que nossos desejos são retos. O Senhor nos orientará à respeito do que devemos procurar.

A PERCEPÇÃO DE METAS DE ACORDO COM O PRES. SPENCER W. KIMBALL.

O ato de alimentarmos os desejos retos e específicos é de grande importância em nossas vidas. O Presidente Kimball disse o seguinte a respeito de metas: “Acreditamos que devemos traçar metas. É através delas que vivemos; sempre fazemos metas nos esportes; quando vamos à escola, temos a meta de nos formarmos e obter um diploma; precisamos de metas para ter progresso, as quais são estimuladas através de uma avaliação periódica ... como fazem os nadadores, corredores e saltadores ... É mais fácil progredir quando supervisionamos, medimos e avaliamos o nosso desempenho. É bom Ter metas. Ao trabalharmos em busca de um objetivo de longo alcance, fixamos a mente num ponto mais elevado e agimos com maior empenho. As metas deveriam sempre ser estabelecidas num ponto que nos force a alcançá-las.” (S. W. Kimball, Seminário para Representantes Regionais, 03/Abril/1975)

Seria mais apropriado ao estabelecermos tranqüila e determinadamente algumas metas pessoais dignas e procurássemos melhorar selecionando certas coisas que realizamos num período de tempo específico. Mesmo quando estamos na direção certa, se não tivermos estímulo pessoal, as metas serão de pouca influência.

Na primeira vez que ler este livro, resuma os sentimentos do Presidente Kimball concernente a metas. Se possível, debata opiniões com alguém que esteja lendo este livro.

Pergunte a si mesmo: Estou estabelecendo metas consistentes? Se a resposta for não, decida-se a fazê-las.

DIRETRIZES PARA ESTABELECECER METAS

Muitas de nossas metas (desejos) nascem da expectativa associada com o trabalho, escola, chamados na Igreja, etc., porém, é importante que algumas delas sejam impostas por nós mesmos. Leia D&C 58: 26-29.

Geralmente é melhor nos dedicarmos a alcançar poucas metas apropriadas do que tentarmos focalizar nossa atenção em muitos objetivos simultaneamente. Devemos usar de bom senso ao determinar quantas metas tentaremos alcançar ao mesmo tempo, de acordo como o nosso próprio temperamento, habilidade, etc.

As metas logicamente, precisam ser realistas. Alguma coisa que não estamos fazendo no momento é algo que requer uma certa dose de esforço mental, caso contrário, não será necessário usarmos a fé como princípio de poder. Devemos conscientizar-nos de que, provavelmente, não será fácil alcançar o que ambicionamos, mas devemos crer que se fizermos um determinado esforço, o Senhor preparará o caminho para atingirmos nossas metas justas. Nosso sucesso em alcançá-las será proporcional à nossa fé e esforço, não às nossas circunstâncias (1 Néfi 3:7)

Durante nossa vida devemos seguir os conselhos do Presidente Kimball e estabelecermos metas pessoais. Devemos selecioná-las em todos os aspectos de nossas vidas, não somente metas concernentes a nossos chamados na Igreja. Temos o direito de evocar os poderes do céu para realizar qualquer desejo reto, seja emocional, social, profissional ou acadêmico. Lembremo-nos de que o poder da fé tem “domínio, poder e autoridade sobre todas as coisas” e aprendamos a nos esforçar por aquilo que temos o desejo de realizar, tendo sempre o poder da fé em nossa mente. O Senhor está disposto e ansioso a ajudar-nos a realizar nossos desejos, se nós o permitirmos.

O PAPEL DA FÉ AO ALCANÇARMOS METAS

Ao estabelecermos metas pessoais devemos conscientizar-nos de que elas se enquadram em duas categorias básicas:

1. Metas que podem ser realizadas como resultado da fé que nos incita à ação. Essas são as metas que podemos ver com clareza em nossa mente a maneira pela qual podemos alcançá-las através de resolução e empenho, por exemplo: levantarmo-nos todas as manhãs às 06:00 horas, controlar nossa língua e não criticarmos os outros, estudar as escrituras por um determinado número de horas por semana, etc.

2. Metas que requerem que evoquemos os poderes do céu porque não sabemos como realizá-las. Estas são metas que não podem ser alcançadas sem a ajuda do Senhor e requerem que evoquemos os poderes do céu para ajudar-nos a cumpri-las, por exemplo: sermos um instrumento na conversão de alguém, conseguir um trabalho que nos dê oportunidade de ganhar um salário de R\$ 5.000,00 ao mês, etc.

Quando estabelecemos metas que não podem ser alcançadas ou realizadas sem a ajuda do Senhor, devemos constantemente lembrarmo-nos de que o processo da fé requer que evoquemos os poderes do céu. Ficaremos frustrados se fizermos metas que exigem a assistência deles para serem realizadas e não exercermos a fé necessária que concede ao Pai Celestial a oportunidade de nos ajudar a atingir aquela meta específica. É extremamente importante estarmos conscientes do papel da fé como princípio de poder ao procurarmos alcançar algumas metas. A fé que nos motiva a Ter determinação tornará possível realizarmos algumas metas mas, como princípio de poder, é a chave para alcançarmos inúmeras outras.

APRENDENDO A NOS COMPROMETER COM NOSSAS METAS.

É importante lembrarmo-nos de que o desejo não pode ser considerado como uma meta até estarmos dispostos a nos comprometermos e decidirmos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para concretizá-lo. Não devemos confundir as coisas que simplesmente pretendemos alcançar com as coisas que decidimos atingir. Muitas metas requerem a decisão pessoal de nossa parte. Em outros casos é necessário nos comprometermos com outras pessoas, por exemplo, com os líderes da ala, professores, etc., e, em alguns casos, a nossa decisão ou comprometimento envolverá uma forma de convênio com o Senhor. É nesse ponto que prometemos fazer certas coisas para que o Senhor ajude-nos a alcançar a meta ambicionada. Nunca devemos nos esquecer do quanto são sagrados os juramentos e convênios que fazemos com o Senhor; eles devem ser mais eficazes do que um documento assinado. Ao fazer um convênio com nosso Pai Celestial, devemos fazê-lo seriamente.

AS METAS DEVEM SER O MEIO, NÃO O FIM

No que diz respeito à nossas metas em geral, devemos considerá-las como um meio e não como o fim, por exemplo: muitos membros da Igreja têm a meta de cumprir uma missão, todavia, se os missionários não estiverem dispostos a estabelecer metas específicas depois que estiverem em missão, não serão bem sucedidos em seus esforços. O mesmo se aplica ao casamento no Templo: entrar no Templo é apenas o começo de tudo aquilo que resultará no sucesso no casamento. O mesmo acontece ao estabelecermos metas em geral. Em nenhum caso o ato de alcançarmos a meta significa que atingimos o objetivo. Não importa quantas metas alcancemos durante a nossa vida, devemos examinar o

futuro e fazer outras metas novas. A não ser que adotemos o ponto de vista de que as metas são o meio e não o fim, ficaremos desapontados todas as vezes que alcançarmos a meta principal. A realização de metas deve ser um processo contínuo, não o fim de nossos esforços, pois tal atitude não nos levaria a empreendermos novos esforços para alcançar metas adicionais. Consideremos o seguinte exemplo de “metas como o fim”:

Um ano depois que Bill e Mary se casaram, ele ingressou na Faculdade de Odontologia. Sua meta suprema era completar os estudos, porém, ambos começaram a enfrentar sérios problemas conjugais. Quando ele estava no segundo ano da faculdade, não obstante decidiram suportar os revezes na esperança de que quando ele terminasse os estudos, a situação mudaria. Depois que Bill se formou, ele e sua esposa descobriram que ainda estavam tendo sérios problemas em seu casamento, e que a grande esperança que tinham de que uma mudança ocorresse depois da formatura, não se concretizou. Finalmente, a situação entre eles se tornou tão crítica que acabaram se divorciando.

O exemplo acima mostra como a realização da meta em formar-se na faculdade teve uma influência adversa na vida do jovem casa, porque a meta foi vista como o fim e não como o meio.

O próximo exemplo ilustrará a meta como o meio:

John e Sally casaram-se quando ele estava no último ano da Faculdade. Ao formar-se, ele aceitou um emprego em uma companhia na costa Leste. Depois de alguns anos, John decidiu que seria melhor para seus interesses profissionais se fizesse um curso de pós-graduação. Após conversar com a esposa a respeito do que isto implicaria em termos de sacrifício que ambos teria de fazer como resultado da redução dos rendimentos mensais, etc., ela apoiou a decisão. Então, no ano seguinte, ele iniciou o curso. Obviamente, eles tinham que fazer alguns reajustes difíceis em seu padrão de vida a fim de viverem com o que ele ganhava enquanto estava completando os estudos, porém, eles aprenderam a resolver os problemas que encontravam ao lutarem para alcançar o objetivo que era completar o curso. Ambos notaram que durante os dois anos de seu treinamento de pós-graduação, eles se tornaram mais unidos como marido e mulher do que nos três anos que precederam aquele período difícil. Nos anos subseqüente, eles recordaram da época em que ele freqüentava a Escola Superior como uma das épocas mais felizes de seu casamento. No processo de realizar sua meta, esse jovem casal desfrutou de outros benefícios de seus esforços, porque a meta foi considerada como um meio e não o fim.

BUSCANDO OBTER OS DONS DO ESPÍRITO

Nossa habilidade em alcançar metas pode ser altamente realçada se primeiramente procurarmos obter os dons do Espírito, os quais estão ao nosso dispor para ajudar-nos a desenvolver todo o nosso potencial. O Senhor espera que procuremos seriamente obter os dons do Espírito através da fé. Leia D&C 46:8; D&C 11:10; Morôni 10: 18-19.

Devemos lembrar-nos constantemente de que os dons do Espírito são dados “de Deus aos homens para proveito destes” (Morôni 10:8). Os dons do espírito estão à nossa disposição para ajudar-nos em todos os aspectos de nossas vidas, se procurarmos obtê-los. Por exemplo, haverá ocasiões em que será necessário que trabalhemos longas horas em nosso emprego ou nas designações da Igreja, temos direito aos dons do espírito que resultará literalmente na “renovação dos nossos corpos”. O Senhor prometeu que se exercermos fé e lhe pedirmos, não sentiremos obscurecida nossa mente, nem nosso corpo, membros e juntas (D&C 84:80). Embora recebamos o Dom do Espírito Santo ao sermos confirmados como membros da Igreja, mesmo assim temos a responsabilidade de procurar fervorosamente obter esses dons. O seu recebimento não é automático. (3 Néfi 19: 9-14, D&C 18: 18). No decorrer de nossas vidas precisamos procurar obter os dons específicos associados aos dons do Espírito Santo, por exemplo, o poder de recordarmos algum fato, Ter um testemunho seguro da divindade de Cristo, etc. Os membros da Igreja que são chamados para ser professores devem seriamente procura os dons do espírito que torná-los-ão eficientes (Morôni 10:7-10). E o Espírito ser-vos-á dado pela oração da fé; e, se não receberdes o espírito, não deveis ensinar.” (D&C 42:14). Especialmente os missionários devem procurar obter os dons do espírito que lhes darão poder para convencer as pessoas de que o evangelho de Jesus Cristo foi restaurado na terra.

O DOM DE DISCERNIMENTO

Um dos dons que todo membro da Igreja de Jesus Cristo deve procurar obter é o de discernimento Como

membros da Igreja recebemos o Dom básico de discernimento, a luz de Cristo e o Dom do Espírito Santo (Morôni 7: 12-18, D&C 63: 41) Toda pessoa tem o talento e habilidade de discernir entre o bem e o mal, esteja ou não vivendo dignamente (D&C 101: 95; Malaquias 3: 18; 3 Néfi 24:18), e, quando o Espírito de Deus se manifesta. (D&C 26: 23, I Coríntios 12: 10) Se tivermos o desejo e procurarmos seriamente obtê-lo, se nos esforçarmos para cultivar o espírito de discernimento, receberemos poderes ainda maiores de discernir. Se cultivarmos eficientemente este dom, os pensamentos e intentos do coração das pessoas poderão ser revelados à nossa mente (D&C 33: 1; Hebreus 4: 12).

“Vocês sabem que precisam do Espírito do Todo-Poderoso para olhar através de uma pessoa e discernir o que está em seu coração enquanto ela sorri lhes e suas palavras fluem macias como óleo.” (Brigham Young, *Jornal of Discourses*, 3:225)

“Nas revelações do Senhor Jesus Cristo o espírito da verdade revela todas as coisas ... ele nos conduzirá a Deus, o centro de toda a luz, onde a porta será aberta e a mente iluminada para que possamos ver, conhecer e entender as coisas como realmente são.” (idem, 13: 336)

“Eu me regozijo com o privilégio de reunir-me com os santos, de escutá-los falar e de desfrutar da influência que os circunda. Esta influência revela ao meu entendimento a verdadeira posição daqueles que estão empenhados em servir ao seu Deus. Eu não preciso vê-los ou falar para conhecer seus sentimentos. Não é também sua experiência? Ao conhecer uma pessoa na rua, em sua casa, escritório ou na oficina, não aconteceu de elas irradiarem algo semelhante a uma influência que lhes transmitiu muito mais do que suas palavras: ... este conhecimento é obtido através da influência invisível que acompanha as pessoas inteligentes e mostra a atmosfera na qual elas gostam de viver.” (idem 8: 57)

O poder de discernimento é evidenciado muitas vezes nas escrituras, conforme lemos em Mosias 13: 6, 7, 11; Alma 7: 17, 19, 20; Alma 18: 16-18; Alma 11: 23 - 25; Alma 12: 3; 3 Néfi 17: 2, 8; 3 Néfi 28: 6; Atos 5: 1-10.

Aos nos associarmos com outras pessoas podemos discernir o que elas pensam e sentem. Nossa habilidade para saber o que devemos falar e fazer será grandemente ampliada. Também temos o direito de discernir quando as pessoas estão mal intencionadas. O Dom de discernimento está à nossa disposição para ajudar-nos em todos os nossos afazeres, todavia, temos a responsabilidade de procurar fervorosamente compreendê-lo. Devemos pedir que esse Dom nos seja concedido e dizer ao Senhor por que o desejamos, bem como explicar o que pretendemos fazer com ele se não-lo conceder. Tão logo recebamos e cultivemos esse dom, os nossos sentimentos espirituais serão ampliados e teremos a capacidade de agir movidos pela inspiração, tanto nos assuntos materiais quanto nos espirituais.

O MAIOR DE TODOS OS DONS.

A natureza dos dons do espírito, em si, parece virtualmente ilimitada. A própria fé é um Dom do espírito. Os dons do espírito parecem surgir de necessidades específicas, portanto de nada adiantaria alistá-los, não obstante, “o maior de todos os dons é a caridade.” Somos admoestados a procurar obter esse Dom com toda a força de nossos corações. Morôni nos

incita a abraçarmos a caridade. Ele também nos ensinou que se um homem não tem caridade, ele não é nada. (Morôni 7: 46-48)

Uma pessoa que cultiva o Dom da caridade evidenciará certas características: ele será longânimo, benigno, não terá inveja, não será orgulhoso, servirá ao interesse dos outros, não se irritará facilmente, não pensará mal, regozijar-se-á na verdade, suportará as enfermidades, aflições, e demais provações desta vida mortal, acreditará em toda verdade associada com o evangelho de Jesus Cristo, evidenciará uma esperança inabalável em todas as promessas feitas nas escrituras sagradas, suportará todas as coisas sem abalar o seu comprometimento com o Senhor.

Quantos de nós estamos procurando obter esses dons que Deus nos prometeu? Quantos, ao se ajoelharem juntamente com sua família, ou em seus lugares secretos, perante o nosso Pai Celestial, esforçam-se para que esses dons sejam derramados sobre vós? Quantos pediram ao Pai Celestial, em nome de Jesus Cristo, que se manifestasse através desses poderes e dons? Ou será que passamos todos os dias indiferentes e inertes como uma porta com dobradiças, sem sentimentos, sem exercer fé, apenas satisfeitos em termos sido batizados na igreja e nos acomodamos pensando que nossa salvação está garantida, simplesmente porque já fizemos alguma coisa, como a porta?

Deus é o mesmo hoje com ontem ... Ele está disposto a conferir estes dons a seus filhos. Eu sei que Deus quer curar os enfermos, tem vontade de conferir o dom de discernimento do espírito, o Dom de sabedoria, o de conhecimento, de profecia e outros dons de que necessitamos. Se algum de nós é imperfeito, tem o dever de orar para receber os dons que nos aproximarão da perfeição. Tenho imperfeições? Estou cheio delas! Qual é o meu dever? Orar ao Pai Celestial para que me dê os dons que corrigirão essas imperfeições. Sou um homem irado? Tenho o dever de orar para Ter caridade a qual é longânima e amável. Sou um homem invejoso? Tenho o dever de procurar obter o Dom da caridade que não é invejosa. O mesmo acontece com todos os dons do evangelho; eles são dados com esse objetivo. Ninguém deve dizer "não posso deixar de ser assim, pois é o meu temperamento!" Tal pessoa não seria justificada pois o Senhor prometeu que nos daria forças para corrigirmos tais coisas e que nos conferiria dons que eliminariam tais defeitos". (George Q. Cannon, Milenial Star, Abril/1894, p. 260)

Receberemos os dons do espírito (1) se adquirirmos o conhecimento necessário e entendimento a respeito desses dons, (2) se o desejarmos; (3) Se pedirmos ao Senhor para que nos conceda e (4) se colocarmos nossas vidas de acordo com as leis que governam os poderes do céu.

"O homem que não tem Dom não tem fé e engana a si mesmo se supuser que os tem." (Ensinamentos do Profeta Joseph Smith, 1976)

Na primeira vez em que ler este livro, responda por escrito qual deve ser a sua atitude concernente aos dons do espírito, principalmente sobre o dom de discernimento. Cada vez que reler este livro faça resposta: Quais os dons do espírito e bênçãos específicas que há pouco tempo recebi ou desfrutei? Tenho procurado consistentemente obter os dons do espírito? Alguma vez procurei e obtive o Dom de discernimento?

02 – Apresentar nossa causa perante o Senhor

Assim que tomarmos a decisão a respeito da meta que desejamos que o Senhor nos ajude a alcançar, nosso próximo passo é o de apresentarmos nossa causa perante Ele. Devemos dirigir-nos ao Senhor em fervorosa oração; expliquemos nossa seleção lógica com relação àquele anseio específico, porém, o que é mais importante, expliquemos detalhadamente porque desejamos que ele seja realizado.

Em toda a história vemos que o Senhor atendeu a todos os pedidos dos homens que se dirigiram a ele com fé e apresentaram forte evidência em defesa das bênçãos que estavam procurando obter. Em sentido literal temos que aprender argumentar com o Senhor. Um bom exemplo disso se encontra no capítulo em Helamã 11: 9 – 16.

Estudando a vida de Joseph Smith, veremos que ele nunca recebeu uma nova doutrina, etc, até se esforçar e dirigir-se ao Senhor pedindo esclarecimentos à respeito do assunto, (leia o prefácio das seções 76 e 132 de D&C)

Façamos tudo o que for possível para termos fé na promessa do Profeta Alma, leia Alma 37:37.

Quando procurarmos evocar os poderes do céu para ajudar-nos a realizar desejos retos, devemos apresentar o nosso caso ao Pai Celestial diariamente até que o nosso desejo seja realizado. Em nosso relacionamento com o Pai Celestial devemos pedir para receber. Os membros da Igreja têm a tendência de ser muito generalizados em suas petições, por exemplo: por favor abençoe; por favor ajude. Devemos ser mais específicos em nossos pedidos dizendo mais claramente o que estamos procurando alcançar. Sendo mais específicos em nossas orações aumentamos a oportunidade delas serem mais fervorosas e apoiadas pela fé. Infelizmente, a maioria das pessoas nada pedem ao Senhor, a não ser quando se encontram em sérias dificuldades. Veremos que o nosso relacionamento com o Pai Celestial será grandemente intensificado se constantemente procurarmos obter ajuda dele para realizarmos os desejos retos que selecionamos em vez de apresentarmos a ele intenções originadas de crises que surgiram em nossas vidas. Obviamente, se estivermos procurando e recebendo ajuda do Senhor diariamente ao nos defrontarmos com problemas difíceis, nossa habilidade de ter

fé para evocar os poderes do céu será bem maior. O homem é dado a esquecer-se o quanto depende de Deus quando não enfrenta sérios problemas na vida. Veja exemplos disso em Helamã 4: 13; Helamã 12: 1; D&C 101: 7-8.

Os eleitos do Senhor são aqueles que não deixam de conscientizar-se do quanto dependem de seu Deus mesmo quando não enfrentam momentos adversos. Devemos fazer todo o possível para tornar sinceras as nossas orações diárias, mesmo que não estejamos encarando problemas difíceis. Nossas orações poderão ser poderosas se forem persuasivas, porque a oração poderosa é aquela que é ouvida e respondida. Se isto não estiver acontecendo com as orações que oferecemos, talvez seja porque não estamos orando com o poder da fé ou não imploramos ao Senhor suficientemente. A parte mais crítica de nossos esforços ao nos dirigirmos ao Pai Celestial é a vontade de assumirmos um compromisso com ele.

“Nós negociamos com os homens, fazemos convênios com Deus”

Há uma grande diferença entre esses dois tipos de relacionamentos, e devemos nos empenhar em fazermos uma distinção clara entre os dois ao nos dirigirmos ao nosso Pai Celestial apresentando nossos desejos retos.

Em nosso empenho de solicitar ajuda do Senhor para realizarmos nossos desejos retos não podemos somente depender de orações silenciosas. Veja D&C 19;28.

Quando nos encontramos em situações as quais nos levam a duvidar de nossa habilidade de realizar nossos desejos, devemos pedir ao Senhor que nos ajude a manter uma atitude de fé.

Na primeira vez em que ler este livro responda por Escrito: Como devo apresentar minha causa perante o Senhor? Se possível, debata sua resposta com outra pessoa que também esteja lendo esse livro.

03 - Esforçar-se Mentalmente

O processo do pensamento é a chave para exercermos a fé. Em grande proporção nós realizamos aquilo em que pensamos. Em outras palavras, o que pensamos hoje, amanhã ou no próximo mês, moldará nossa atitude e determinará o que alcançaremos em nossa vida, a qual é influenciada mais pelos nossos próprios pensamentos do que por qualquer outra coisa.

Como é possível a uma pessoa tornar-se aquilo em que não pensa ou almeja ser? Qualquer pensamento, por menor que seja, tem sua própria influência quando é constantemente mantido.

“A divindade que molda o que somos está, sem dúvida, em nós mesmos.”

Para exercer a fé, tão logo tenhamos selecionado uma aspiração digna, como, por exemplo, receber um aumento de salário, reativar uma criança em sua classe da escola dominical, etc, devemos em primeiro lugar lutar pelo que almejamos.

Em grande parte, a fé pode ser determinada pelo período de tempo que passamos pensando em nosso desejo reto. Se nossa mente não está preocupada com aquilo que estamos tentando realizar, não é um desejo.

Não podemos confundir a preocupação gerada pela angústia e ansiedade, com aquela que está envolvida no exercício da fé. Quando a nossa mente está inclinada a fixar-se nas conseqüências adversas de eventos que acreditamos não poder controlar, isto chama-se angústia. Em contraste, se nossa mente está centralizada nos possíveis resultados de ações que, até certo ponto, podemos controlar, então estamos exercendo a fé.

A mente é semelhante a um campo: colhemos aquilo que nela plantamos, se cuidarmos do que foi semeado. Devemos aprender a seguir esta advertência do Senhor, leia D&C 6: 36.

Pesquisas têm demonstrado que a maioria das pessoas usam suas mentes em coisas construtivas somente em 10 por cento do tempo, conseqüentemente, a fé que elas exercem é proporcionalmente limitada. Veja Mórmon: 9: 27.

“A fé não existe onde se encontra dúvida e incerteza nem pode existir porque dúvida e fé não existem em uma pessoa ao mesmo tempo; então, o indivíduo que está com a mente cheia de dúvidas e medo não pode ter confiança inabalável, e onde ela não existe, a fé é fraca.” (Brigham Young, Journal of Discourses, 1: 56-47)

Não é necessário qualquer esforço para pensarmos negativamente. No entanto, para mantermos uma mente confiante se requer que nos esforcemos durante um determinado tempo.

Através do processo da fé o pensamento produz um efeito tão real quanto o esforço físico. Nossos pensamentos, mais do que qualquer outra coisa, será fator determinante do que realizaremos durante a nossa vida.

CONTROLANDO A MENTE.

O ato de exercer a fé nos poderes do céu é um processo relativamente simples, mas que envolve esforço mental contínuo. Quando um homem trabalha através da fé ele o faz pelo esforço mental em vez da força física.

O esforço mental envolve os seguintes passos básicos: (1) Acostumarmo-nos a estar conscientes de nossos próprios pensamentos; (2) Aprendermos a examinar nossos pensamentos para determinar se eles aumentam ou diminuem nossa fé; (3) Se o pensamento diminui a fé, substitua-o por outro que seja baseado na fé, como o de lembrar-se da bondade de

Deus, pensar no quanto Ele deseja abençoar-nos ou lembrar-se das inúmeras promessas contidas nas escrituras que nos asseguram que se pedirmos com fé ele nos abençoará.

Se aprendermos a exercer o esforço mental necessário, seremos bem sucedidos ao cultivarmos a fé requerida para nos qualificarmos para receber o poder e a força da justiça que vem pela fé.

Para que nos esforcemos mentalmente devemos ter a capacidade de dominar a própria mente. Não podemos permitir que ela seja facilmente distraída ou focalize-se em alguma coisa estranha ao propósito ou objetivo de alcançar a bênção que almejamos, por exemplo: quando rogamos ao Senhor que nos conceda suas bênçãos, costumamos pensar nas coisas que devemos fazer ou deixamos que as preocupações mundanas controlem nossa mente?

Na próxima vez em que orar ou meditar, veja se pode controlar sua mente a ponto de não deixar que os pensamentos divaguem ao nos comunicarmos com o Senhor.

Consideremos como nos sentiríamos ofendidos se a pessoa com quem falamos estivesse lendo um livro. Da mesma forma, nossa conduta é ofensiva ao Senhor quando estamos falando com ele e deixamos que nossa mente se distraia. Enquanto não aprendermos a disciplinar nossa mente e a controlá-la plenamente, nossa capacidade de exercer a fé estará grandemente limitada. Só podemos exercer o total poder da mente quando concentrarmos a atenção e a dirigirmos em direção a um fim específico.

“... Se portanto os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso.” (Mateus 6:22)

Se permitirmos que nossa mente divague e se concentre em preocupações mundanas, teremos menor habilidade de evocar o poder da fé e nossa mente não será uma fonte de poder em nosso benefício. Descobriremos, todavia, que ao tentarmos controlar e focalizar nossa mente em algo louvável, Satanás tentará colocar nela idéias errôneas para distrair-nos do objetivo. Quando pudermos controlar nossa mente e não permitirmos que ela seja distraída, seremos capazes de exercer uma fé ilimitada e liberar os poderes do céu.

O maior mistério que o homem pode aprender é saber como controlar sua própria mente e fazer com que todas as suas faculdades e poderes se submetam a JESUS CRISTO; este é o maior mistério que precisamos aprender enquanto vivermos neste tabernáculo de barro.

Devemos constantemente lembrar-nos de que nossa mente é literalmente a chave que libera os poderes do céu. Temos que aprender a controlá-la.

“A mente é um agente do Altíssimo revestido de um tabernáculo mortal; temos que aprender a discipliná-la e fazer com que ela se concentre num só assunto e não admitir que Satanás interfira, confunda e nem desvie-a do grande objetivo que temos em vista... Se pudéssemos controlar nossas mentes, poderíamos dirigir nossos filhos, famílias e o Reino de Deus; e veríamos que seria bem mais fácil realizar tudo o que desejamos.” (O. Hyde, Journal of Discourses, 7:153)

Devemos controlar a mente a fim de que ela não seja distraída pelas circunstâncias ou preocupações que nos cercam, e focalizá-la com todo o seu poder num determinado problema que estamos tentando resolver, ou nas bênçãos que estamos querendo alcançar.

“Se uma pessoa treinar sua mente a andar pelo espírito e fazer com que toda ela se concentre em todas as suas operações e nos princípios da fé que a tornarão apta a obter o poder de Deus, maior será sua facilidade em obter conhecimento.” (O. Pratt, Journal of Discourses, 7: 155-156)

Na atual sociedade, a música, muitas vezes se torna o “ópio” da mente. É proveitoso Ter o hábito de ouvir boa música, mas quando ela é utilizada só para passar o tempo, ela se torna prejudicial. Se uma pessoa passa muito tempo assistindo a jogos esportivos mas não pratica nenhum exercício físico, seu corpo sofrerá, e o mesmo acontece com a mente. Se permitirmos que ela se ocupe de coisas que não requerem esforço, como escutar música popular, nossa mente e o espírito muito sofrerão.

O OLHO DA FÉ

Uma das melhores maneiras de nos concentrarmos mentalmente é criar uma imagem dos objetivos que estamos tentando alcançar e repetidamente evocá-la. Naturalmente, o desejo deve ser criado espiritualmente na mente antes de ser realizado. Através do processo da fé podemos ver claramente em nosso íntimo o que podemos realizar com a ajuda do Senhor; um privilégio que é uma forma de visão. Leia Alma 5:15; Éter 12: 19.

Podemos nos concentrar mentalmente fazendo a nós mesmos esta pergunta e, então, cuidadosamente procurar as diversas respostas ou examinar várias soluções do problema, avaliando cuidadosamente as possíveis conseqüências de cada alternativa. Também podemos concentrar-nos mentalmente imaginando as situações. A mente é capaz de simular qualquer coisa que estejamos tentando realizar, como por exemplo, fazer um exame, participar de uma corrida, proferir um discurso ou escrever um trabalho escolar. Todo esse processo poder ser facilitado se aprendermos a dedicar periodicamente algum tempo à meditação.

PONDERE EM SEU CORAÇÃO

O dicionário diz que ponderar é: “avaliar mentalmente; deliberar; rever mentalmente; meditar;”

Moroni usou este termo da seguinte maneira no epílogo de seu registro, veja Morôni 10:3.

Disse o Presidente Romney: “Ponderar, ao meu ver, é uma forma de oração.” (Marion G. Romney, *Magnifying one’s Calling in the Priesthood*, *The Ensign*, July, 1973, pp. 90-91)

Tais períodos de meditação devem ser dedicados exclusivamente à oração, no qual conversamos com o Senhor, ou nos concentramos mentalmente com referência a nosso desejo reto. Obviamente, quando oramos estamos em posição de focalizar a mente exclusivamente em nossos problemas e relacionamentos com o Senhor, porém, para exercermos maior fé, precisamos aprender a focalizar nossa mente em nossos desejos retos durante todo o tempo em que não somos obrigados a nos fixar mentalmente num assunto qualquer. Isto pode acontecer quando estamos comendo, dirigindo ou quando nos deitamos à noite para repousar. A maioria das pessoas formam pobres hábitos mentais porque não se esforçam para controlar ou guiar seus pensamentos durante esses períodos do dia. A pessoas que não fazem nenhum esforço para controlar seus pensamentos são inclinados a fixá-los em coisas degradante, por exemplo, ressentimentos, ofensas, invejas, ansiedade, contenda, comiseração, ou permitem que a mente divague. Aqueles que aprendem a disciplinar suas mentes a ponto de concentrarem-na num determinado problema durante longos períodos de tempo, conseguem Ter discernimento e descobertas significativas. Este fato é uma constante na vida dos profetas da Igreja e grandes inventores como tais como Isaac Newton e Albert Einstein.

Newton, por exemplo, concentrou as energias de sua mente por muitos anos na matemática e problemas de mecânica, os quais culminaram no descobrimento de uma nova forma de geometria. Ao concentrar todas as energias de seu intelecto no sentido de resolver um determinado assunto ou problema, ele obteve o controle da mente e pôde fazer muitas descobertas importantes. O mesmo se aplica a qualquer outra pessoa.

O Élder Boyd K. Packer relatou o seguinte: “Tenho um amigo que comprou um estabelecimento comercial. Logo depois ele sofreu revezes catastróficos e não parecia que tivesse saída alguma. Finalmente ficou tão pesaroso que não podia dormir, então, por algum tempo, adquiriu o hábito de levantar-se às três horas da madrugada e ir para o escritório. Lá, com um pedaço de papel e uma caneta, ele ponderava orava e escrevia todas as idéias que lhe vinham à mente, que dessem uma solução possível ou contribuíssem para que o problema fosse resolvido. Em pouco tempo ele tinha traçado diversas diretrizes a seguir, e não demorou muito em conseguir escolher a melhor. Esse esforço mental que exerceu fez que saísse ganhando uma experiência bem maior. Ao verificar suas anotações ele descobriu muitos recursos que estavam escondidos e nunca havia notado. Saiu do problema mais independente e com mais sucesso do que se não tivesse sofrido aquelas provações. Aproximadamente dois anos depois ele foi chamado para presidir uma missão no exterior. Seus negócios estavam tão independentes e tão em ordem que ao regressar da missão, ele não voltou a dirigi-los e agora tem outras pessoas que cuidam de sua empresa, assim ele pode dedicar-se virtualmente todo o tempo para abençoar outras pessoas.” (B.K. Packer, *Teach ye Diligently*, *Deseret Book*, 1975, pp 204 – 205)

Ao concentrar-nos na realização de nossas metas, lembremo-nos continuamente de que se exercermos a fé necessária, o Senhor ajudará a alcançá-las. O ato de aprendermos a pensar positivamente sobre algo por um longo período de tempo, talvez seja difícil porque temos que criar novos hábitos e não é fácil formá-los. Se nos concentrarmos em supostos obstáculos que nos impediriam de alcançar nossa meta, nosso desejo de alcançá-la não será suficientemente forte para motivar-nos a persistir. Quando focalizamos nossos pensamentos na realização de desejos retos, estamos servindo ao Senhor com todo o nosso coração, poder e mente, (D&C 4:2). Muitas vezes em nosso esforço de servir ao Senhor com toda a nossa força (tempo e energia), não fazemos o suficiente porque não agimos com todo o coração (emoção e sentimentos) poder (força de vontade) e mente (intelecto e raciocínio). Veremos que nossa eficiência ao realizar nossos desejos justos será grandemente ampliada quando aprendemos a controlar nossa mente e a concentra as energias mentais num determinado objetivo. Se estivermos constantemente rogando ao Senhor que nos ajude a realizar nossos diversos desejos retos, estaremos vivendo de acordo com a admoestação do Senhor, (Alma 37:36).

Nossos pensamentos podem ser propícios à fé ou diminuírem nossa habilidade de exercê-la. Nossos pensamentos relativos à fé não podem ser neutros. Se eles não são produtivos ou edificantes, temos a responsabilidade de substituí-los por idéias produtivas e edificantes. Leia a advertência do Senhor em Mosias 4:30.

Aumentaremos a nossa iniciativa de controlar os pensamentos se nos lembrarmos constantemente dos mandamentos e nos afastarmos da indolência, (Alma 38:12; D&C 42: 42; 60: 13; 75: 3; 29; 88: 124). Isto também se aplica à mente preguiçosa, pois o senhor nos ordenou a eliminar todo o pensamento ocioso (D&C 88: 69)

O poder da fé através do pensamento pode ser oculto ou aparente; concentrado ou diluído, ativo ou inerte. Nossa habilidade de evocar esse poder aumentará com o esforço; quanto mais nos empenharmos em controlar nossos pensamentos, mais capacidade teremos de focalizar nossa mente no objetivo que procuramos alcançar.

Na primeira vez em que ler esse livro, responda por escrito: Em que sentido costumo esforçar-me mentalmente? Se possível, debata sua resposta com alguém que também esteja lendo este livro. Cada vez que reler este livro, pergunte a si mesmo até que ponto os teus pensamentos estão focalizados no cumprimento de teus desejos justos e até que ponto permite que as preocupações mundanas, dúvidas e medo ocupam tua mente ?

ALTERANDO OS PENSAMENTOS

Algumas pessoas são inclinadas a culpar as circunstâncias quando seus desejos retos não são realizados . Assim que entendermos o processo da fé, nos conscientizaremos de que podemos transformar as circunstâncias mudando nossa atitude e exercendo fé.

“O homem é literalmente o que ele pensa ser, sendo o seu caráter a soma de todos os seus pensamentos.” (S. W. Kimball, O Milagre do Perdão, p 103)

“O pensamento que está neste momento em sua mente está contribuindo, embora em parcela infinitamente pequena, quase imperceptível, na formação de sua alma ... mesmo os pensamentos efêmeros e indolentes deixam sua marca.”(D.O McKay, citado em O Milagre do Perdão, p. 105)

“Diga-me o que pensa quando nada tens em que pensar e te direi quem és.” (D.O. McKay, True to Faith, S.L.C. Bookcraft, 1966, p. 270)

“Porque, como pensa em seu coração, assim ele é.” (Provérbios 23: 7)

Se alteramos radicalmente nossos pensamentos, ficaremos abismados quão rapidamente serão transformadas as condições materiais de nossas vidas. Nossos pensamentos fazem as nossas circunstâncias; pois eles governam os nossos hábitos. Todas as ações, quer espontâneas ou premeditadas, são produtos de nossos pensamentos. Podemos usar nosso livre arbítrio tanto para pensar, como para agir. De todas as criaturas da terra, somente o homem pode alterar seu padrão de pensamento e tornar-se o artífice do seu destino. Infelizmente, muitos membros da Igreja pouco se esforçam para disciplinar seus pensamentos. Eles costumam evitar idéias profanas e indecentes, mas não fazem uma tentativa decisiva para controlar e guiar seus pensamentos. Quando uma pessoa está tateando na vida, dizemos que ela não encontrou a si mesma. Esta é uma afirmação incorreta, pois não achamos o nosso eu; ele é formado por nós mesmos.

“Somos os arquitetos do nosso próprio destino. Certamente, infeliz é aquele que tenta edificar a si mesmo sem a inspiração de Deus, sem imaginar que o nosso crescimento provém de nosso íntimo, e não de fora.” (D.O. McKay, True and of Live)

No juízo final nossos pensamentos e intenções de nossos corações serão revelados (D&C 88:109). Falando a esse respeito, o Presidente Kimball declarou que, se os pensamentos e intenções de nosso coração serão revelados, conclui-se que todos eles serão anotados. “Certamente, não é um esforço muito grande para a imaginação nos dias modernos acreditar que nossos pensamentos também são registrados de alguma maneira por enquanto conhecida apenas pelos seres superiores.” (S. W. Kimball, O Milagre do Perdão, p 110)

O Senhor disse que seremos julgados pelos nossos pensamentos, leia sobre isto em Alma 12: 14.

É importante sabermos que nossos pensamentos estão sendo anotados e que eles desempenharão um importante papel em nosso juízo final.

Algumas pessoas não conscientizaram-se da grande influência de seus pensamentos na vida e conseqüentemente, fazem pouco esforço para discipliná-los. Faltará direção e propósito à vida de uma pessoa se ela não puder definir claramente em seu intelecto o que deseja realizar na vida e então treinar sua mente a focalizar-se em seus desejos retos.

Na primeira vez em que ler este livro, responda por escrito: Como posso mudar as circunstâncias ? Se possível, debata sua resposta com alguém que também esteja lendo este livro. Cada vez que reler este livro e notar que está sendo controlado pelas circunstâncias, resolva exercer a fé necessária para mudá-las.

04 – Um Esforço Consciente.

Começamos a sentir o poder da fé quando tivermos conseguido manter a necessária disciplina mental e a viver uma existência digna por várias semanas consecutivas. Devemos fazer um esforço consciente para exercermos fé em nossa habilidade de evocar os poderes do céu durante um longo período, pois nunca teremos capacidade de sentir o poder da fé em qualquer nível, a não ser que queiramos nos esforçar durante bastante tempo. Testemos este princípio fazendo o empenho necessário, mesmo que de início seja difícil. Por exemplo, se nosso desejo em retidão é cultivar o Dom de discernimento, testemos o processo seguindo fielmente os passos prescritos neste livro por várias semanas consecutivas em nosso empenho de cultivar esse Dom. Quando tivermos alcançado sucesso ao usar a fé como princípio de poder em nossa habilidade de realizar os desejos retos, repitamos o processo com outro objetivo e assim sucessivamente. Quando estivermos totalmente convertidos na fé com princípio de poder, poderemos conscientizar-nos de que, virtualmente, não há limites para o que queremos realizar, se estivermos aptos a evocar os poderes do céu para ajudar-nos. Se trabalharmos consistentemente no sentido de usar a fé como princípio de poder, notaremos que o processo ficará cada vez mais fácil até chegar o ponto de ele ser quase espontâneo. Nosso principal objetivo deve ser o de controlarmos nossa mente a fim de pensarmos somente naquilo que desejamos. Para conseguir isto, devemos estar cômicos de nossos pensamentos,

aprendermos a examiná-los e finalmente substituir as dúvidas e receios por desejos justos (metas predeterminadas). Assim que aprendermos a controlar e guiar nossos pensamentos, poderemos evocar os poderes do céu para assistir-nos em todos os aspectos.

Na primeira vez em que ler este livro responda por escrito: Quanto tempo, geralmente, tenho que focalizar minha mente em desejos retos para que possa sentir o poder da fé? Como a pessoa pode converter-se ao princípio da fé? Em que aspectos da vida devemos usar o poder da fé? Se possível, debata suas resposta com alguém que também esteja lendo esse livro. Toda vez que reler este livro faça as seguintes perguntas: Estou realmente convertido ao princípio da fé? Posso evocar os poderes do céu para ajudar-me em todos os aspectos da vida?

CAPÍTULO 04

A FÉ SERÁ PROVADA

Mesmo que o Senhor nos ajude a alcançar metas dignas, devemos estar cômnicos de que nossa fé será provada e, geralmente, ela o será em duas condições: (1) Quando começamos seriamente a nos dirigir ao Pai Celestial pedindo que nos ajude a alcançar objetivos específicos; (2) Quando tivermos desejos que requerem maior intervenção dos poderes do céu.

Desde o princípio, o padrão pelo qual o Senhor concede bênçãos se divide em duas partes: (1) Ele permite que a pessoa procure bênçãos para ser testada e provada; (2) Quando a pessoa se humilha e prova sua fé através de perseverança e fidelidade comprovada, os desejos retos lhe serão concedidos.

Foi só quando Adão demonstrou que estava determinado a ser fiel aos mandamentos do Senhor que o Espírito Santo lhe foi concedido em grande abundância (Moisés 5: 4-12). Vemos este mesmo exemplo ilustrado nas vidas dos profetas do Velho Testamento como Abraão, Jacó e Moisés. É interessante saber que mesmo o Senhor Jesus Cristo não esteve isento deste padrão, (Mateus 4: 11; Mosias 3: 7; Alma 7: 11-12).

O Senhor requer um período de provação e teste de fé para ver se a pessoa que está pedindo uma bênção especial permanecerá fiel, mesmo enfrentando oposição. Quando compreendermos que nossa fé será provada, isto nos dará maior determinação em sermos persistentes nas horas de aflição. O teste da nossa fé tem, basicamente, quatro objetivos: (1) Determinar se a meta que estamos tentando alcançar é realmente desejada; (2) Fazer-nos ver se realmente somos dedicados ao Senhor; (3) Purificar-nos para que nos tornemos limpos, puros e sem mancha, literalmente livres dos pecados do mundo; (4) Tornar-nos mais humildes e cômnicos de que não podemos “confiar no braço da carne”, (2 Néfi 4: 4: 34; 28: 31; Helamã 4: 13; D&C 1: 19).

Assim que aprendemos a perseverar em nossas provações de fé, nos tornaremos, literalmente, novas criaturas em Cristo e nosso corpo será purificado de todos os pecados e renovado pelo Espírito do Senhor, (Alma 5: 14-15, 19; D&C 84: 33). Esse é o processo de renascimento e santificação.

É extremamente importante que nos conscientizemos de que a provação da fé é uma parte importante e necessária do processo de santificação pelo qual somos purificados através do Espírito de Deus. Leia D&C 128: 24; D&C 101: 4-5; 136: 31; Helamã 3: 35.

A oposição desempenha um papel muito importante nesse processo pois, sobrepujando-a e suportando as aflições nós somos, em sentido literal, purificados e limpos. Quando suportamos a oposição servindo ao Senhor com toda a nossa habilidade, não importa quanto ela seja, a graça de Deus é suficiente para interferir em nosso favor; temos a promessa de que podemos vir a ser “perfeitos em Cristo”, (Morôni 10: 32-33). É através desse meio que podemos qualificar-nos para receber o Espírito do Senhor, apesar de todas as limitações da nossa natureza humana.

Na primeira vez em que ler este livro, responda por escrito: Por que o Senhor permite que nossa fé seja provada ?
Se possível, debata sua resposta com alguém que também esteja lendo este livro.

A SUA PRÓPRIA PROVA DE FÉ

A natureza da provação de fé de uma pessoa será baseada em seu temperamento e disposição. Aquilo que prova sua fé não testa, necessariamente, a fé de outro indivíduo.

“Deus se voltará para nós, apossar-se-á de nosso ser, transformará o íntimo de nosso coração e, se não pudermos suportar o teste, não seremos dignos de Ter uma herança no Reino Celestial de Deus.” (J. Smith)

A prova de nossa fé fará com que nos conscientizemos de que não podemos ser bem sucedidos se confiarmos no braço da carne. Nossos poderes pessoais são extremamente limitados e não podemos realizar sozinhos nossos desejos retos. Não obstante, quando nos humilhamos e entendemos plenamente que não podemos ser bem sucedidos sem a ajuda do Senhor, nos submetemos a nosso Pai Celestial e somos sinceros em nossos desejos, ele nos estenderá a mão. Todos podem suportar a provação de sua fé, seja ela qual for, se permanecer fiel e obediente, mesmo diante da oposição, inconveniência, desconforto ou dor. O Senhor espera que sejamos pacientes nas aflições, não nos queixando dos problemas ou desconforto, (D&C 31:9). Por exemplo, quando falarmos com os outros, acentuemos o aspecto positivo das circunstâncias de nossa vida. A habilidade de suportar as dificuldades com paciência é uma grande virtude e fará com que alcancemos a maturidade, equilíbrio e vigor espiritual. Veja Alma 17:11; D&C 122: 7-8; Romanos 5: 3-4; Alma 20: 29; D&C 58: 2-4.

“Se nos achegarmos ao Espírito, não nos sentiremos oprimidos pelas provações de nossa fé. Estaremos seguros de que tendo-o como nosso companheiro, poderemos resolver qualquer dificuldade. A Espiritualidade nos ajuda a vencer as dificuldades e a nos tornarmos cada vez mais fortes espiritualmente.” (D.O. McKay, “True and o Life”)

Na primeira vez em que ler este livro, responda por escrito: Como a fé será provada? Reagi fielmente ao defrontar-me com testes e tribulações? Se possível, debata suas respostas com outra pessoa que também esteja lendo este livro.

HOMENS QUE SAIRAM VITORIOSOS EM SUAS PROVAS DE FÉ

Um dos maiores exemplos de provação de fé está registrado no livro de Alma e envolve os trabalhos missionários dos filhos de Mosias. Esses homens foram responsáveis pela conversão de uma grande parte do povo Lamanita, mesmo tendo ele sido descritos como “um povo selvagem, duro e feroz” (Alma 17: 14), e pareciam não ser receptivos à mensagem do evangelho. A chave da conversão em massa dos lamanitas foi o Espírito do Senhor que acompanhou os filhos de Mosias em seus trabalhos missionários. Mesmo o limitado relato que temos deles, é evidente que o Senhor provou-lhes a fé. Leia Alma 17: 5, 9, 11; Alma 28: 8. Em outras palavras embora tenham sofrido muito, no final esses missionários tiveram grande alegria e satisfação em seu trabalho, porque suportaram as provações de fé.

A experiência de Wilford Woodruff: - Um dos missionários mais bem sucedidos na história de Igreja Restaurada foi Wilford Woodruff, um dos Presidentes da Igreja. Provavelmente podemos nos lembrar de ter ouvido referência ao sucesso que ele obteve durante seu trabalho missionário. A maioria das pessoas nem se dão conta de que ele também passou momentos difíceis durante sua missão e que sua fé foi violentamente provada antes de que ele tivesse êxito. O seguinte relato, extraído de seu diário, nos dará alguma idéia das provações de fé a que ele esteve sujeito:

“Não queríamos ir às casas e pedir comida, então, apanhamos algumas espigas de milho cru e comemos, então dormimos no chão. Tínhamos andado o dia todo sem alimentação e estávamos muito cansados e com fome; nem nos abrigaram durante a noite porque éramos mórmons; a única chance que tínhamos era descer doze milhas pela beira do rio até um posto mercantil para os índios Osage, de propriedade de um francês por nome Jereu. Para piorar a situação, o iníquo sacerdote que não nos deu um pedaço de pão, mentiu para nós sobre a estrada e nos indicou um caminho através de um pântano, onde caminhamos com água até os joelhos. Já eram 10:00 horas da noite e ainda estávamos tentando acompanhar o rio tortuoso. Então deixamos o pantanal e começamos a andar pelas planícies onde paramos e dormimos aquela noite.” (Matthias F. Cowley, W. Woodruff, SLC Brokcraft, 1964, pp. 47-48)

Estes são relatos curtos do diário de W. Woodruff, mas indicam que ele encontrou provações tremendas durante os primeiros meses de uma de suas missões. Cinco meses se passaram desde que ele e seu companheiro haviam feito um batismo. É interessante notar que seu companheiro ficou desanimado e voltou para casa e que ele teve de fazer sozinho a missão durante algum tempo. Logo após esse acontecimento, Wilford Woodruff começou a ter grande sucesso.

O Presidente Spencer W. Kimball foi um exemplo de alguém que suportou várias provações de fé no decorrer da vida (doença de Parkinson crônica, transilite, maus espíritos, furunculose, ataque cardíaco, câncer de garganta, etc)

MANTER A FÉ ENFRENTANDO A OPOSIÇÃO

Felizmente há várias coisas que podemos fazer quando nossa fé está sendo provada:

Refleta na seguinte declaração do Presidente Kimball: “ Em certas ocasiões tenho citado que precisamos ter reservatórios em nossas vidas para prover as necessidades. Eu disse: Alguns reservatórios são feitos para armazenar água, outros para comida, como fazemos no programa de armazenamento doméstico e como José fez no Egito durante os sete anos de fartura. Assim também deveriam existir reservatórios de conhecimento para suprir necessidades futuras; reservatórios de coragem para sobrepujarmos as enchentes de medo que nos encham de incertezas; reservatórios de força física para nos ajudarem a enfrentar as cargas do trabalho e doenças que, às vezes, são freqüentes; reservatórios de bondade, de resistência e de fé. Sim, especialmente de fé para que permaneçamos firmes e fortes diante das pressões do mundo, quando as tentações de um mundo decadente (eu deveria acrescentar, cada vez mais permissivo e iníquo) que nos cercam e tiram as energias, enfraquecem nossa vitalidade espiritual e tentam nos derrubar. Precisamos Ter um reservatório de fé que possa ajudar os jovens e adultos a superarem os momentos obscuros, difíceis e terríveis, os desapontamentos, desilusões; os anos de adversidade, penúria, confusões e frustrações.” (S. W. Kimball, The Foundation of R. Nov. 1977, p. 5)

Leia e reflita sobre as seguintes escrituras: Alma 36: 3; Mateus 11: 28: 30.

Memorize o versículo encontrado em D&C 58: 4.

Identifique uma coleção pessoal de escrituras e citações e leia-as quando sua fé estiver sendo provada – Sugestões: Alma 26: 23 – 35; 2 Coríntios 1: 4 – 7

Releia este livro

Leia as seguintes escrituras: D&C 98: 3; 68: 6; 31: 9; 101: 4 – 5 ; 88: 63; 122: 7 – 8; 58: 2 – 4 ; Moisés 5: 4 – 12; Alma 26:27; 31: 30 – 31,38; 7: 11 – 12; 36: 3; 17: 14; 17: 5, 9 , 11; 28: 8; 20: 29; Mosias 3: 7; 23: 21; Mateus 1: 11; 11: 28 -30; Hebreus 5: 8; Atos 5: 38 – 42; Romanos 8: 35 – 39; 5: 3 – 4; 2 Coríntios 6: 4 – 6; João 16: 33; Morôni 10: 32 – 33;

CAUTELA

Não importa quem sejamos, mesmo se estivermos fervorosamente empenhados no selecionar desejos retos, haverá ocasiões em que começaremos a exercer fé num desejo que não seja aprovado pelo Pai Celestial. Quando isto acontecer sentiremos um estupor de pensamentos e acharemos difícil focalizar a atenção em nosso desejo. Se for este o caso, deveremos deixar de exercer fé naquele desejo e fazer todo esforço para descobrir porque ele não é apropriado. Em nosso esforço para exercermos fé, temos a responsabilidade de nos assegurarmos de que não estamos confundindo nossa falta de retidão, desejo, disciplina pessoal ou a prova de fé com o estupor de pensamento acima descrito. Se formos sensíveis ao espírito, poderemos discernir claramente entre uma provação de fé e o estupor de pensamento que ocorre quando o desejo, por uma razão ou outra, não for apropriado.

Com esse entendimento podemos estar aptos a nos assegurarmos de que nosso desejo é sempre justo. Devemos ter este cuidado em mente porque através da persistência é possível realizarmos desejos que, na sabedoria do Senhor, não são de nosso melhor proveito. O Senhor honra o livre arbítrio do homem nos desejos que este procura.

SUMÁRIO

Abaixo encontra-se um resumo do entendimento, diretrizes e normas que precisamos seguir para evocar os poderes do céu no sentido de abençoar nossas vidas:

1. Ter uma clara compreensão da fé como princípio de poder.
2. Estar convicto de que os poderes do céu são governados pela fé.
3. Viver em retidão.
4. Especificar nossas metas (desejos) em oração.
5. Escolher metas em oração.
6. Indicar em quanto tempo nossas metas deverão ser alcançadas.
7. Apresentar a causa ao Senhor dizendo-lhe qual o esforço e sacrifício fará para alcançar a meta.
8. Pensar constantemente na meta.
9. Usar todo o poder no sentido de pensar positivamente sobre o que temos que fazer para alcançar a meta com a ajuda do Senhor.
10. Lembrar de que o Senhor está ansioso para realizar nossos desejos retos se nós nos qualificarmos para tanto.
11. Lembrar continuamente de que o poder e a força adicional que provém de Deus e que estão ao nosso dispor estão baseadas na fé individual .
12. Fazer da meta específica motivo de oração constante.
13. Orar para que o Senhor aumente nossa habilidade de ter fé.
- 14- Quando enfrentar uma situação que faça duvidar da habilidade de alcançar uma meta, aprender a orar mentalmente pedindo ajuda do Senhor e Ter confiança de que Ele nos ajudará, lembrando que, se tiver pouca fé, estará negando ao Senhor a oportunidade de ajudar.
- 15- Refletir seguidamente na promessa feita pelo Senhor encontrada em Mateus 7: 7.
- 16- Reconhecer que a fé será provada.

CAPÍTULO 5

GUIA PARA AUMENTAR A FÉ

Estabelecer um plano de ação

Tão logo tenha fervorosamente escolhido em oração um desejo reto, seria proveitoso estabelecer um plano de ação por escrito. Geralmente ele deve incluir os seguintes pontos:

1. O desejo – Especifique qual é o seu desejo o mais detalhadamente possível. Incluir o período de tempo no qual pretende realizá-lo
2. A determinação – Tudo o que fará para completar uma meta específica. Este item inclui as coisas que pode realizar para que a meta possa ser concretizada, por exemplo, conhecer uma família que será batizada no mês que vem.
3. A ajuda do Senhor – Há bênçãos específicas que requerem que evoquemos os poderes do céu, por exemplo, tocar o coração da família e prepará-la para a mensagem de restauração, guiar-nos às casas das famílias eleitas, etc.
4. O compromisso – Uma lista qualificada das atitudes que pretende tomar para ter o direito de receber a ajuda do Senhor. Os compromissos devem ser estabelecido sob inspiração e devem demonstrar a dignidade, dedicação e força do empenho em receber a assistência divina, por exemplo, não guardar nenhum sentimento negativo contra o próximo, mas demonstrar amor por todos diariamente, ler as escrituras todos os dias, etc.

EXEMPLO – O irmão Johnson foi chamado há pouco tempo para ser o supervisor dos diáconos. Em oração ele selecionou a meta de apresentar suas lições de modo a que cada membro da classe fosse tocado pelo Espírito Santo e recebesse conhecimento e discernimento que os ajudariam em suas vidas pessoais. O seu plano foi o seguinte:

Meu desejo:

(1) Ensinar as lições do sacerdócio a cada semana de maneira que cada membro da classe seja tocado pelo Espírito e receba conhecimento e discernimento que o ajude em sua vida pessoal.

Minha determinação:

- (1) Estudar cada lição duas horas todos os domingos e por 30 minutos a cada dia da semana.
- (2) Meditar 15 minutos por dia a respeito dos membros da classe e suas necessidades individuais.
- (3) Estudar as escrituras 30 minutos por dia.
- (4) Conhecer pessoalmente cada membro da classe.
- (5) Solicitar ajuda individual dos membros da classe.

A ajuda que precisarei do Senhor

- (1) Revelar à minha mente as necessidades e disposição daqueles a quem ensino.
- (2) Ser inspirado a respeito de como apresentar cada lição de maneira interessante e de modo a suprir as necessidades específicas de cada membro da classe.
- (3) Ajudar os membros da classe a entenderem as verdades que estou apresentando.
- (4) Ter a manifestação do Espírito Santo durante cada lição.
- (5) Tranqüilizar-me.]

Meu compromisso

- (1) Jejuar por meu desejo ao menos uma vez por mês.
- (2) Expressar muito mais amor e apreciação que sinto pelos outros.

É importante que sejamos guiados pelo Senhor ao estabelecermos nosso plano de ação. Se nos achegarmos fervorosamente em oração ao Senhor, ele fará com que nossa mentes saibam o que precisamos fazer para realizar nosso desejo. Por exemplo: O irmão Johnson apresentou o plano de ação acima ao Senhor e pediu maior orientação, então lembrou-se de que estava criticando demais um de seus sócios. Assim, ele adicionou como terceiro item o compromisso de não achar faltas nas outras pessoas.

Quando seguirmos este processo de estabelecer planos de ação, estaremos, para todos os efeitos, assinando um contrato. É um acordo entre nós e o Senhor. Leia uma promessa do Senhor em D&C 82: 10.

Na primeira vez em que ler este livro responda por escrito: De que maneira o ato de estabelecer meu plano de ação por escrito pode ajudar-me em meu esforço de exercer fé? Se possível, debata sua resposta com outro leitor deste livro.

AVALIAR A FÉ

Uma atitude básica para o processo de fazer metas é avaliar nosso desempenho ao realizá-las. Três passos são necessários para fazer uma avaliação exata: (1) Estabelecer metas por escrito; (2) Avaliar o desempenho; (3) Examinar e reavaliar as metas sob inspiração.

Passo nº 1 – Estabelecer Metas por Escrito: As metas devem sempre ser traçadas por escrito em termos do que pretendemos realizar. Além disso, devemos especificar em que tempo pretendemos realizar uma meta específica, a não ser que seja uma meta permanente, como a de ler as escrituras meia hora por dia. O local onde colocar a meta escrita é uma questão de preferência pessoal. Algumas pessoas acham vantajoso anotá-las em cartões que carregam consigo no bolso da camisa; outras as escrevem em folhas maiores e fixam-nas em lugares bem visíveis, tais como na porta da geladeira, do guarda-roupas, etc., entretanto, cada um deve determinar o método de registrar suas metas da maneira que lhe seja a mais apropriada.

“Para termos progresso é necessário estabelecermos metas e sermos incentivados pela manutenção de registros.” (Spencer W. Kimball, Seminário para Representantes Regionais)

Passo nº 2 – Avaliar o Desempenho: Nossa meta não terá qualquer valor a não ser que sigamos os conselhos do Presidente Kimball e avaliemos regularmente o desempenho que tivemos ao procurar alcançá-la. Deve-se examinar o progresso alcançado diariamente. Por exemplo: Todos os dias o irmão Bennet escreve o que pretende fazer durante aquele dia. Aos domingos ele examina as metas da semana e planeja as da semana próxima. Neste Domingo ele escreveu a seu líder de distrito que sentiu-se bem à respeito de todas as metas, com exceção de uma. Ao iniciar sua missão ele estabeleceu a meta de 20 páginas do Livro de Mórmon por dia. No final de seu primeiro mês de missão ficou claro que com o tempo requerido para memorizar as palestras esta meta seria impossível de ser alcançada. Ele informou ao líder do distrito que havia modificado sua meta para 10 páginas por dia, três dias por semana. Podemos fazer avaliações de várias maneiras, por exemplo: em oração podemos fazer um relato literal do nosso desempenho ao Senhor. Obviamente devemos fazer esse relato mentalmente e também por escrito; em alguns casos esse relato deve ser feito àqueles que presidem sobre nós. “Quando avaliamos, o nosso desempenho melhora ainda mais e quando além de avaliá-lo, nós o relatamos, o índice de progresso é ainda muito maior.” (thomas S. Monson)

Passo nº 3 – Examinar e Reavaliar as Metas Sob Inspiração: Em alguns casos veremos que as metas que fazemos por nossa própria conta são muito modestas. Por exemplo: um missionário pode fazer uma meta de memorizar 30 linhas das palestras durante a primeira parte da missão, a qual seria uma meta razoável, todavia, uma semana depois, quando seu nível de dedicação aumenta, esta meta talvez seja inadequada de acordo com o aumento de sua habilidade de memorização. Assim também a meta que um missionário estabelece de batizar uma pessoa por mês, talvez seja realística para os primeiros meses de missão, todavia, esta mesma meta poderia ser bem menor que sua capacidade noutro ponto da missão. Como regra geral, devemos presumir que nosso desempenho melhorará com o passar do tempo.

Infelizmente algumas pessoas são mais conscientes durante os primeiros tempos de seus chamados na Ala e assim que se acostumam com a rotina, já não os desempenham com a mesma atitude consciente como fizeram no início.

“Todo homem é um diário no qual ele escreve uma história enquanto pretende escrever outra. Seu momento mais humilde é quando ele tenta comparar as duas.” (Hugh B. Brown)

Quando estivermos consistentemente aptos a realizar nossos anseios dignos que requerem a ajuda do Senhor, estaremos usando a fé como um princípio de poder. Podemos avaliar nossa fé pelo número de desejos dignos que realizamos durante um determinado período de tempo. Quando é a primeira vez que estamos tentando exercer nossa fé, devemos medir nosso desempenho e sucesso tanto pelo progresso, como também pelas coisas que conseguimos realizar. Por exemplo: se um missionário no memento pode memorizar 30 linhas das palestras diariamente, e faz a meta de memorizar 50 linhas mas só conseguiu memorizar 40 linhas no primeiro dia depois de tê-la estabelecido, ele começou a experimentar o poder da fé e deve reconhecê-lo como tal.

Na primeira vez em que ler este livro responda: Como posso medir minha força espiritual: Se possível debata sua resposta. Cada vez que reler este livro pergunte a si mesmo: Quantos desejos retos predeterminados realizei durante o ano passado? Nos últimos 30 dias?

EXPRESSAR GRATIDÃO

Assim que começamos a sentir o poder da fé em nossa vida diária, é muito importante que expressemos nossa gratidão ao Pai Celestial.

“A ingratidão é um crime mais vil que a vingança.” (W. G. Jordan). Leia D&C 46: 32; D&C 59: 7.

Há duas atitudes que podemos treinar diariamente que nos ajudarão a captar e manter o verdadeiro espírito de gratidão: (1) Primeiramente aprendamos a ponderar e refletir sobre as diversas bênçãos que recebemos, sobre a misericórdia de Deus, etc.; porém, mais especificamente devemos considerar aquilo que temos realizado com a ajuda do Senhor; (2) Então devemos nos esforçar para reconhecer as manifestações dos poderes do céu diariamente. D&C 59: 21.

Devemos aprender a discernir e reconhecer os poderes do céu. Procuremos constantemente encontrar exemplos em que fomos inspirados. Todas as vezes que reconhecermos os poderes do céu em qualquer aspecto da vida, façamos o propósito de expressar nossa gratidão específica ao Senhor pela maneira com que ele nos ajudou. Devemos tentar fazer isto ao longo do dia, porém o mais importante é reservar algum tempo à noite para refletirmos sobre os acontecimentos do dia e identificarmos exemplos nos quais os poderes do céu foram manifestados de alguma forma. Além disso, devemos fazer uma autocrítica à respeito das coisas que dissemos ou fizemos que diminuíram nossa fé, e analisarmos até que ponto mantivemos uma atitude de fé com respeito aos nossos desejos em retidão. Organizemo-nos e criemos uma regra para fazer isto regularmente. Se encontrarmos tempo para meditar e refletir regularmente sobre as bênçãos e nos acostarmos a expressar nossa gratidão ao Senhor, seremos mais sensíveis ao Espírito. Ao nos achegarmos mais a Ele, veremos que nossa receptividade à inspiração se tornará mais forte.

“As pessoas poderão beneficiar-se se perceberem o primeiro embate do espírito de revelação, por exemplo: quando sentis que a inteligência pura flui sobre vós, podereis, repentinamente serdes despertados por uma corrente de idéias, de modo que, por atendê-lo vereis que se cumprem no mesmo dia ou pouco depois, isto é, verificareis as coisas que o Espírito de Deus revelou à vossa mente e assim, por conhecerdes e aceitardes o Espírito de Revelação de Deus, podereis crescer no princípio da revelação até que vos torneis perfeitos em Cristo Jesus.” (Ensinamentos do Profeta Joseph Smith, p;1 151)

REGISTRAR AS EXPERIÊNCIAS.

No decorrer da vida, quando tivermos experiências envolvendo a fé, registrêmo-las e façamos delas uma parte importante de nossa história pessoal. Quando registrarmos experiências promovedoras de fé, descrevamos em detalhes o processo que usamos para exercermos fé, bem como o quê dela resultou. É comum acontecer que, ao registrar essas experiências o escritor só fale a respeito das bênçãos alcançadas como resultado da fé e não sobre o esforço, orações, etc. requeridos para receber a bênção.

CAPÍTULO 06

DESENVOLVENDO UM ENTENDIMENTO DE FÉ MAIS PROFUNDO.

Verificar Nosso Entendimento

As seguintes declarações de Joseph Smith foram citadas primeiro capítulo deste livro. Analisemo-las agora à luz do que lemos e aprendemos até agora. Se for possível, converse a respeito disso com alguém que esteja lendo este livro.

(1)...a fé é a causa de toda ação, seja em assuntos temporais ou espirituais; (2)...a fé não é somente um princípio de ação, mas também de poder; (3) ...a fé, portanto, é o primeiro grande princípio governante que tem força, domínio e autoridade sobre todas as coisas.” (J. Smith, Lectures on Faith, pp. 8 e 10)

Assim que entendermos o poder que temos ao nosso alcance através da fé, perceberemos que podemos evocar os poderes do céu para assisti-los em todos os nossos negócios e empreendimentos, e não somente nos ofícios da igreja. Devemos estar inclinados a liberar os poderes do céu para ajudar-nos em nossa profissão ou vocação como estaríamos em pedir por assistência divina no sentido de desempenharmos nossos deveres na Ala, Ramo ou estaca. Esta é uma das grandes lições do Livro de Mórmon: Se as pessoas procurarem obter ajuda do Senhor com fé, ele as auxiliará em todos os seus afazeres. É importante nos conscientizarmos de que o Senhor quer nos ajudar se tivermos fé suficiente para permiti-lo; essa ajuda não se limita às atividades da Igreja. Devemos nos lembrar de que o Senhor está disposto a assistir-nos tanto em nossa vida social como nos chamados da igreja. Através da fé poderemos magnificar todos os nossos atributos, habilidades e preparo social, como, por exemplo, nossa capacidade de raciocinar, nossa habilidade de compreender o que lemos, nossos dons musicais, nossa habilidade em comunicarmo-nos com os outros, etc.

“Um ser inteligente criado à imagem de Deus, possui todo órgão, atributo, sentimento, simpatia, afeição, capacidade, sabedoria, amor, poder e dom que Deus possui. Mas estes atributos estão em embrião e são gradualmente desenvolvidos ... o Dom do Espírito Santo se adapta a todos esses sentidos ou atributos. Ele estimula todas as faculdades intelectuais; aumenta, expande, amplia e purifica todas as paixões e afetos naturais e adapta-as pelo Dom de sabedoria ao seu devido uso. Ele inspira, desenvolve, cultiva e amadurece todo afeto, alegria, gosto, sentimento congênito e afeições de nossa natureza. Ele inspira a virtude, benignidade, bondade, brandura, gentileza e caridade; desenvolve a beleza individual; forma o caráter, aprimora a saúde, vigor, ânimo e sentimento social. Ele desenvolve e revigora todas as faculdades físicas e intelectuais do homem.” (Parley P. Pratt, citado por J. E. Talmage no Estudo das Regras de Fé, 1964)

Muitas coisas que desejamos na vida podem ser realizadas em grande parte, pela fé que nos motiva a tomarmos decisões e aplicar-nos em realizá-las, como por exemplo, melhorando nossa condição física para correr 20 quilômetros por semana, melhorando nosso relacionamento com uma criança dedicando 30 minutos cada semana a ela, etc., mas, em muitas ocasiões nossos desejos não serão realizados, a não ser que aprendamos a evocar os poderes do céu.

Aprendendo a Reconhecer o Papel da Fé.

Ao ler os episódios abaixo, identifique as ações que são motivadas pela fé e as maneiras pelas quais os poderes do céu são evidenciados como resultado da fé como princípio de poder:

Episódio nº 1 – Um missionário trabalhando numa região de minas de carvão, próxima à cidade de Akron, Ohio, relatou que uma mulher pediu para ser batizada no inverno durante uma nevasca. Os missionários não tinham acesso a uma pia batismal, por isso foi necessário realizar a ordenança do batismo num pequeno riacho que atravessava o terreno de propriedade de um membro da Igreja. Era no mês de fevereiro e o tempo estava realmente muito frio. O missionário relatou que quando ele colocou o pé dentro do córrego gelado, sentiu uma dor correr até o coração e teve medo por um momento, pensando que não conseguiria sair da água novamente. Ele também teve medo de que a mulher não resistisse à temperatura e começou a orar silenciosamente para que a água fosse amornada. Segundo seu relato, a água sofreu uma mudança imediata, pois não sentiu mais frio nem tão pouco a mulher se queixou de que a água estivesse fria.

Episódio nº 2 – Mary Jones era ativa nos programas extracurriculares de seu curso, como debates, equipe de ginástica, etc. Durante todo o curso do 2º Grau ela tinha alguma oportunidade para namorar. Ao formar-se passou a freqüentar a Universidade Brigham Young. Notou que passou a fazer amizade com muitas pessoas, mas tinha poucos encontros com os rapazes, e quando os tinha, raramente eles voltavam a convidá-la para sair. Mesmo sendo uma garota sociável, Mary ficava quase sempre nervosa em seu relacionamento de amizade com os rapazes e não conseguia sentir-se tranqüila. Finalmente, voltou seu pensamento ao Pai Celestial e começou a orar fervorosamente pedindo ao Senhor que a

abençoasse para que pudesse ficar tranqüila em seus encontros e que ajudasse o rapaz, para que ele também pudesse sentir-se bem. Dentro de algumas semanas, ela notou que seu relacionamento começou a melhorar. O mesmo aconteceu à sua habilidade de ficar tranqüila e ter uma conversa mais significativa com eles. Quando isso passou a acontecer ela notou que os rapazes passaram a ficar mais inclinados a convidá-los para novos encontros e sua oportunidade aumentou bastante. Em mais ou menos um ano ela começou a namora um rapaz que mais tarde se tornou seu esposo.

Episódio nº 3 – No dia 20 do mês, o Presidente da Missão perguntou a dois missionários quantos batismos eles fariam até o final do mês. Como eles tinham dois jovens casais para batizar na semana seguinte, responderam que teriam quatro batismos. Após dois dias, aconteceu algo e tiveram que remarcar a data do batismo de um dos casais para o mês seguinte. Todavia, devido à promessa que haviam feito, dirigiram ao Pai Celestial e pediram que Ele preparasse o caminho a fim de que as quatro pessoas fossem batizadas até o final daquele mês. Então começaram a fazer deste desejo o motivo principal de suas atenções enquanto trabalhavam com maior empenho do que haviam feito anteriormente. Na última semana do mês um casal que outros missionários haviam ensinado havia algumas semanas foi batizado e também outro casal cujo batismo não estava previsto quando eles fizeram a promessa ao seu Presidente.

Episódio nº 4 – Depois de inquirir ao Senhor em fervorosa oração por várias semanas, um jovem casal decidiu que um curso especial pós-graduação numa das principais universidades era o que ele queria seguir, porém, naquela época já se haviam passado dois meses da data final de admissão para a Universidade, então ele voltou seus pensamentos em oração ao Pai Celestial. Ele orou para que fosse possível que mesmo numa data já bem atrasada para admissão, ele pudesse ser aceito no programa de pós-graduação que tanto desejava. Ao comunicar-se com a Universidade continuou a orar para que os corações daqueles que iriam examinar sua documentação pudessem ser tocados e favoravelmente impressionados com seu requerimento e fizessem a recomendação para que a data final de admissão fosse adiada no seu caso. Ele orou também para ser inspirado no que devia incluir nos formulários de recomendação que iria enviar à Universidade e também no que deveria dizer ao conversar por telefone, bem como nas correspondências que enviaria àqueles que iriam tomar a decisão final. O desejo que ele tinha de ser admitido nessa Universidade veio a ser o ponto principal de suas orações. Ele jejuou diversas vezes no empenho de obter ajuda do Pai Celestial. Dentro de três semanas ele recebeu notícias de que havia sido admitido na universidade.

Episódio nº 5 – Um pai de seis filhos contraiu a febre reumática e foi hospitalizado. Quando seus mestres familiares lhe visitaram ele pediu que lhe dessem uma bênção de saúde para que pudesse ser curado a doença e, além disso, explicou que era um homem de pouca instrução, e que o único trabalho que era capaz de realizar era o braçal, assim seria indispensável que sua saúde e forças fossem restauradas completamente para que pudesse voltar ao trabalho a fim de sustentar sua família. Os mestres familiares administraram-no e depois de uma semana foram informados de que o diagnóstico ainda continuava o mesmo – seu coração fora gravemente enfraquecido e o médico indicou que o paciente não poderia voltar a fazer trabalhos braçais. O mestre familiar senior ficou perplexo pelo fato da bênção não ter sido cumprida, então voltou o pensamento ao Pai Celestial em oração secreta, desejando saber por que o homem não fôra curado. O Senhor revelou-lhe que a sua mente havia estado ocupada demais com outras exigências da vida como escolaridade, trabalho, etc. e para que a bênção fosse cumprida ele teria que fazer este pedido focalizando as orações diárias e também em outros momentos do dia. O mestre familiar voltou ao hospital, ungiu e abençoou o homem novamente, decidindo-se que ver o homem curado seria uma preocupação específica de sua mente e parte integral de sua oração diária. Ao retornar ao hospital na semana seguinte, o homem disse que o último teste mostrara que seu coração não tinha mais o menor sinal de cano ou cansaço causado pela doença e que havia uma grande possibilidade de que seria restaurada a sua saúde completamente, e que então poderia continuar a sustentar sua família.

Episódio nº 6 – Um jovem casal tinha dois filhos, o mais velho com 5 anos de idade. A criança começou a mostrar evidências de um sério problema de comportamento. Antes ela era forte, entusiasmada e alegre agora ficava calada, constrangida e introspectiva. O pai estava se formando em psicologia e imediatamente começou a pesquisar nos livros, tentando encontrar solução para o problema de seu filho. Não podendo achar qualquer solução, ele dirigiu-se a seus professores, esperando que eles pudessem ajudá-lo, aconselhando-o à respeito de como poderia resolver o problema. Finalmente o pai voltou-se ao Pai Celestial em oração e jejum. Orou fervorosamente para que o Senhor o inspirasse à respeito do problema. Foi-lhe revelado que seu filho mais velho era merecedor da distinção como o mais velho. Ele imediatamente conscientizou-se de que tinha sido sua norma envolver ambos os filhos em todas as atividades, e quando comprava alguma coisa para um dos filhos, sempre comprava alguma coisa para o outro. Seguindo essa inspiração, começou a identificar as coisas específicas que iria fazer para designar o filho mais velho, esclarecendo que ele tinha o direito de fazer certas coisas, ou de Ter certos tipos de roupas, etc., pelo fato de ser o filho mais velho. Imediatamente o problema de comportamento foi aliviado.

Episódio nº 7 – Logo depois que nosso ramo passou a ser uma ala, fui chamado para ser o Bispo. Numa das reuniões da estaca, um Bispo relatou como ele dedicara uma hora por dia na semana anterior. Seu espírito foi tão tocante, sua experiência tão maravilhosa que minha alma desejou desfrutar desta mesma alegria. Prometi a mim mesmo que no dia seguinte realizaria uma hora de oração para mim, minha família, minha ala e meu trabalho, porém, no dia seguinte era Domingo e a reunião do Bispado começava às 06:00 horas da manhã. Para Ter tempo de fazer a minha oração teria que levantar às 04:00 horas da madrugada. O meu desejo se dissolveu em sono e se acomodou num canino de uma promessa irrealizada. Com minha resolução revigorada por um dia santificado bem sucedido, acertei o despertador para a manhã de Segunda feira. Quando ele tocou, sentei-me e coloquei os pés no chão e tentei levantar. Em seguida, e com força dominante, fui segurado pelos ombros e puxado de volta para baixo dos cobertores macios e quentinhos. Lutei valentemente uns cinco ou seis segundos antes de sucumbir ao seu convite e então dar-me por vencido e continuar no sono. Mais tarde pensei: “Como é que posso ser o Bispo de uma ala em que os membros estão orando com maior empenho que eu? Como posso ser um guia espiritual para eles?” Na manhã seguinte dirigi-me a um pequeno local arborizado perto de nossa casa onde abri meu coração ao Senhor e meditei por quase uma hora. Os resultados foram gratificantes. Enquanto orava, falava e ouvia; um a tranqüilidade de espírito e um calor interno penetrou todo o meu ser, e minha alma regozijou. Não houve mensageiros, nenhuma grande luz, nenhuma voz ou visão, mas senti-me elevado para um novo nível espiritual. Naquela hora aprendi que jamais ficaria satisfeito com uma oração de menor esforço. Com o passar do tempo, acostumei-me a sair diariamente até a capela e, após estudar um ou dois capítulos das escrituras para estimular meu pensamento a sérias meditações, ponderava sobre as coisas do espírito até sentir que estava pronto para falar com o Senhor. Gradual e quase imperceptivelmente senti o mesmo processo de revelação que Joseph Smith descreveu como impulsos de inteligência pura entrando em minha mente. Surgiram novas idéias para a organização da ala, soluções e problemas familiares, novos conceitos para minhas classes do Seminário e Instituto, e uma grande força pessoal que surgia diariamente dessa oração profunda. Logo notei que precisava de um bloco de papel e caneta para escrever as idéias logo que apareciam. A suave voz da inspiração do Espírito provou-se de grande valor quando reorganizamos as auxiliares da ala e fizemos chamado após chamado a pessoas que já sabiam deles antes mesmo de nós os fazermos. Minha família também foi beneficiada quando o marido e cabeça do lar, um portador do Sacerdócio foi mais inspirado a aconselhar e guiar. Os sentimentos de amor e paz aumentaram e regozijamos com essa nova força espiritual.” Minhas classes do Instituto e Seminário se tornaram mais ativas e interessantes, pois a cada vez mais eu podia ensinar pelo espírito. As escrituras começaram a se tornar mais claras do que nunca e passei a entender verdadeiramente pela primeira vez alguns dos escritos de Isaías que Jesus havia ensinado aos Nefitas e que eram de tanto valor” (Richard Anthony, “I Was a Bishop Befor I Really Learnd to Pray”, 1976)

Episódio nº 8 – A pressão de meu trabalho como gerente de vendas de uma companhia de construções muitas vezes chegam a ser quase insuportáveis. Eu era membro da Igreja havia seis meses quando surgiram dois problemas certa manhã, um cinco minutos depois do outro: Primeiro: Um dos vendedores rejeitou a oferta de participar com os demais componentes da equipe de vendedores de um almoço oferecido pela companhia. Fiquei ofendido porque éramos um grupo de bons amigos. Segundo: Quando me encontrava sentado em meu escritório examinando o problema, o gerente da companhia entrou para me lembrar que tínhamos meio milhão de dólares em casas novas que não tinham sido vendidas havia mais de um ano. Ele queria que eu realizasse um esforço positivo e que, se possível fizesse um milagre para vendê-las.

Preocupado com o peso destes dois problemas, peguei minha jaqueta assim que ele saiu e caminhei em direção ao meu carro. Dirigi-me a uma das casas difíceis de vender, entrei e fechei a porta. Subi a escada e ajoelhei-me para orar. Naquele momento alguma coisa incomum aconteceu. Mesmo antes de pensar nas palavras que iria dizer ao meu Pai Celestial, vi uma luz maravilhosa e clara dentro de meus olhos fechados; parecia estar vendo o meu vendedor que vinha dificultando as coisas, aceitando o desafio de vender todas as casas difíceis e concordou também que não venderia as fáceis, até que todas as difíceis fossem negociadas. Foi-lhe dada completa liberdade de organizar sua própria campanha de vendas, promoções e propagandas como bem quisesse. Ele seria recompensado com uma comissão extra. Em dois meses aquelas casas que outro vendedor tivera dificuldade para vender foram negociadas por meu vendedor problemático. Ele agora era outro homem depois de ter aceito aquele desafio e ter alcançado tanto sucesso; e o gerente ficou muito satisfeito com os resultados.

Sou grato que o Senhor tenha me abençoado com aquela breve experiência naquele corredor superior e por Ter-me mostrado os prodígios de seus designios. Desde então eu soube que Ele ouve as nossas orações e nos guia através do plano eterno que tem para seus filhos.” (Roy B. Webb, “Busennessman’s Prayer in Upper Room”, The Ensign, Janeiro, 1976, pp. 50-51)

Episódio nº 9 – Um rapaz aceitou uma proposta de emprego para trabalhar num parque de diversões durante o verão, após o término do segundo ano do segundo grau. Chegando ao trabalho o gerente chamou-o ao seu escritório e informou-o de alguns problemas que estavam tendo com a juventude que trabalhava ali, envolvendo principalmente sexo e bebida.

Ele demonstrou esperança de que este jovem evitaria que surgissem mais problemas desse tipo. Depois da conversa o jovem saiu muito sério. Ele nunca havia morado longe de casa e fora criado num lar e comunidade de santos dos últimos dias. Bastante preocupado com a intenção de viver afastado dos pecados com que iria se defrontar, dirigiu-se ao Pai Celestial e procurou sua ajuda. No decorrer do verão este jovem sentiu que sua oração estava sendo respondida de muitas maneiras. Achou-se capaz de explicar aos colegas de trabalho a razão por que não fumava ou bebia sem ter que pedir desculpas e seus amigos foram muito compreensivos. Através do poder de discernimento ele conseguiu esquivar-se do mal em várias ocasiões. Certa noite em uma festa ele dançou com uma garota e achou que tivera com ela uma conversa muito agradável, não obstante, ele teve a distinta impressão de que não deveria aceitar seu convite para freqüentar algumas de suas festas. Ele soube depois que ela queria seduzi-lo, como fez com José do Egito a esposa de Potifar. Numa outra ocasião ele foi inspirado a evitar amizade com um certo rapaz. Uma semana depois ele foi pego participando de um ato homossexual.

Episódio nº 10 – Numa das minhas primeiras visitas à Vila de Suniatu, que era muito amada pelo Presidente McKay, minha esposa e eu tivemos uma reunião com um grande número de crianças. Ao concluir a mensagem que dirigi àquelas crianças tímidas, porém lindas, sugeri ao professor, um nativo de Samoa, que terminássemos a reunião. Quando anunciou o último hino, repentinamente senti-me compelido a cumprimentar pessoalmente cada uma das 247 crianças presente, mas, olhando para o relógio notei que não havia tempo para tal privilégio e procurei esquecer aquela impressão. Antes da oração final, novamente tive aquele mesmo sentimento, só que desta vez foi mais forte. Então disse ao professor o que eu desejava fazer e ele mostrou um sorriso lindo como é costume do povo samoano. Ele falou em sua língua para as crianças e elas ficaram radiantes com a notícia. O professor então revelou-me a razão da sua alegria e das crianças. Ele declarou: - “Quando soubemos que o Presidente McKay havia designado um membro do Conselho dos Doze para visitar-nos em Samoa, eu disse às crianças que se cada um orasse com um fervor sincero, exercendo fé no Senhor, como nos antigos relatos bíblicos, o Apóstolo visitaria nossa pequena vila e através de sua fé, ele seria impressionado a cumprimentar cada criança com um aperto de mão especial e pessoal.” Não pude conter as lágrimas quando cada uma daquelas crianças preciosas passaram timidamente por nós, sussurrando um doce “talofa lava.” O dom da fé havia sido evidente. (Thomas S. Monson, *The Improvement Era*, 1966).

Episódio nº 11 – Gostaria de relatar-lhes uma experiência que tive dois dias depois do falecimento de um grande profeta, o Elder Mathew Cowley. Foi relatada por um homem de 35 a 40 anos de idade que havia sido um Presidente de Distrito na Nova Zelândia na época em que o Elder Cowley trabalhava com o povo Maori. O Elder Cowley havia chegado havia apenas dois meses quando foi convocada uma Conferência de Distrito para os missionários. Numa das seções pela manhã, o Elder Cowley teve a oportunidade de falar e, como me contaram, falou por 15 ou 20 minutos em língua maori tão fluentemente que deixou admirado aqueles do povo maori que estavam presentes. Após a reunião o Presidente do Distrito e o Elder Cowley estavam se dirigindo à casa de um irmão maori para fazer um lanche entre as seções, quando o primeiro perguntou: Como é que fez? O Elder Cowley disse: Fez o quê? – Como é que dominou a língua maori e tão pouco tempo? Você é apenas um missionário de 17 anos de idade! Ele respondeu: Quando vim para cá, não sabia nenhuma palavra no idioma maori e decidi que iria aprender 20 palavras novas a cada dia e consegui, mas quando tentei falar não tive sucesso.

Naquele momento eles estavam passando por uma roça de milho e o Elder Cowley disse: Está vendo aquela roça de milho? Eu estive lá e falei com o Senhor, mas antes disso, jejei e durante a noite tentei novamente, mas as palavras simplesmente não pareciam encaixar, então, no próximo dia, jejei outra vez, fui para o milharal e falei com o Senhor novamente. Tentei outra vez à noite, como um pouco mais de sucesso. No terceiro dia jejei novamente, fui para a roça de milho e falei com o senhor. Disse a ele que eu acreditava que sua Igreja e Reino haviam sido restabelecidos na face da terra; que os homens têm autoridade para proclamar a plenitude do evangelho de Jesus Cristo concernente à exaltação dos filhos de nosso Pai Celestial. Eu disse a ele que tinha sido chamado pela mesma autoridade para cumprir um missão mas se essa fosse a que eu devia servir, que, por favor, me informasse, pois eu queria servir onde fosse melhor (este era o espírito do Elder Cowley). Na manhã seguinte, disse ele, quando ajoelhei-me para fazer uma oração familiar num lar maori onde fui designado pelo chefe da família, tentei falar inglês mas não conseguia. Quando tentei falar em maori as palavras saíram com facilidade e eu soube que Deus havia respondido minha oração e que aquele era o lugar onde eu deveria servir, e era apenas um rapaz de 17 anos. (John Longden, *The Improvement Era*, 1955)

Episódio nº 12 – Um menino possuía um cachorro e o amava muito. Quando o cão começou a envelhecer, finalmente chegou no ponto de não mais poder andar, e além disso, ficou cego. Ele só podia comer coisas bem cozidas e picadas. Assim foi até não poder comer mais nada e era evidente que estava prestes a morrer. O pai do menino finalmente decidiu que seria melhor para o cachorro levá-lo para o mato e sacrificá-lo com um tiro. O menino sabia que seu pai não era um homem ruim e que sua intenção era terminar com o sofrimento do animal. O pai fez um esforço para ajudar o menino a entender que seria melhor terminar com o sofrimento do bichinho e esclareceu que era uma decisão difícil de ser tomada, pois ele também gostava do velho cachorro que se tornara parte da família. Explicou ao filho que, havia muito tempo estava

estudando um meio de resolver a situação e tentou ser o mais compreensivo possível. O menino pediu que o pai lhe concedesse mais uma oportunidade de tentar fazer o animal comer e recuperar a força. O pai atendeu ao pedido. O garoto começou com grande esforço a preparar comidas especiais e até tentava colocar o alimento na boca do cachorro, mas, apesar de todo o seu esforço, o cachorro assim mesmo não conseguia comer. O menino colocava o animal em sua carrocinha e passeava com ele pelos lugares onde costumavam brincar juntos, para ver se ele mostrava algum sinal de alegria, mas, o animal já velho estava doente demais para mostrar qualquer interesse pelas coisas que antes eram a alegria dos dois.

No final do segundo dia o menino começou a notar que os seus esforços estavam sendo inúteis e ficou muito triste só em pensar na bala da arma que iria penetrar no corpo do animal; pensou em seu cachorro ensangüentado e tremendo enquanto morria. Foi nesse momento que o menino decidiu voltar-se ao Pai Celestial para ajudá-lo. Recolheu-se ao seu quarto e ajoelhando-se ao lado da cama, começou a orar ao Senhor. Seu pedido foi muito simples. Solicitou ao Senhor que deixasse que o cachorro morresse naturalmente para que não fosse necessário matá-lo com um tiro. O menino explicou a situação ao Pai Celestial e porque precisavam matá-lo com um tiro, e esclareceu com simplicidade que seria melhor se o cachorro morresse de modo natural, para que não precisassem matá-lo. O menino foi realista e explicou que o seu cachorro não era necessariamente um cão especial, embora fosse muito importante para ele. Reconheceu as faltas do cachorro dizendo que ele havia mordido o leiteiro em duas ocasiões e, continuando, explicou rapidamente que o cachorro geralmente era obediente e que antes de adoecer era capaz de fazer muitas piruetas e trazer qualquer pedaço de madeira ou bola que o menino jogava. Continuou a explicar a seu Pai Celestial que o velho amigo já não era capaz de apreciar as coisas que antes faziam juntos e que chegara ao ponto de não poder mais caminhar. O menino terminou a oração pedindo que se o Pai Celestial deixasse seu cachorro morrer de maneira boa, fácil e natural, prometia ser especialmente grato ao Senhor por dar atenção ao seu pedido. Ao sair do quarto, encontrou seu pai que vinha avisá-lo de que já não era mais necessário atirar no animal, pois ele acabara de morrer.

Episódio n.º 13 – Visão da Redenção dos Mortos. Leia D&C 131: 11-60

Na primeira vez em que ler este livro leia Alma 32: 26-29 e se possível, debata com alguém que também esteja lendo este livro, qual o significado dessa escritura. Debata também a seguinte adaptação de Alma 32: 26-29:

“Ora, como disse em relação à fé, que não era um conhecimento perfeito, o mesmo se dá com (os vossos desejos retos). A princípio não podereis ter (a habilidade de realizá-los com perfeição) assim como a fé tampouco é um conhecimento perfeito. Mas eis que, se despertardes e exercitardes vossas faculdades, ... (a ponto de testar sua habilidade de realizar seus desejos retos com a ajuda do Senhor) e exercerdes uma partícula de fé, sim, mesmo que não tenhais mais que o desejo de (realizar), deixar que esse desejo opere em vós, até (estardes dispostos a dar lugar em vossa mente a uma meditação sobre vossos desejos retos).

Comparemos (esse desejo) a uma semente. Ora se derdes lugar em vosso coração para que (esse desejo reto) seja plantado, eis que, se for (um desejo justo), ou seja, (um bom desejo), se não (o) lançardes fora por vossa incredulidade, resistindo ao Espírito do Senhor, eis que (ele) começará a (crescer) em vosso peito; e quando tiverdes essa sensação de crescimento, começareis a dizer a vós mesmos: (Eu posso realizá-lo, ou, comecei a ter confiança em minha habilidade de realizar, pois começo a ver como pode ser alcançado). Ora, eis que isso não aumentaria a vossa fé? Digo-vos que sim.”

Na primeira vez em que ler este livro, leia Éter 12:6 e se possível debata com outra pessoa que também o esteja lendo, então leia a seguinte adaptação de Éter 12:6: “... fé são coisas que se esperam (desejos retos), mas não se vêem (não podemos ver de acordo com nossas próprias habilidades e circunstâncias de como o desejo pode ser realizado); portanto, não disputeis porque não vedes, porque não recebereis testemunho (a garantia de que o Senhor abrirá o caminho para que seu desejo possa ser realizado) seão depois da prova de vossa fé (de haver exercido a fé por um determinado período de tempo).”

Cada vez que reler este livro, leia as seguintes escrituras em voz alta e debata com alguém que também já o tenha lido:

Mateus 21: 22	João 15: 1 - 8	Salmos 37: 3-6	Mosias 27:14	Alma 41: 3 - 7	Alma 57:25– 27
3 Néfi 7: 18	Mórmon 1: 13–14	Mórmon 2: 26	Éter 12	Moroni 7: 37	Moroni 10:7-18
D&C 160: 8-21	D&C 18: 19	D&C 26: 2	D&C 29: 6-7	D&C 44: 2	D&C 60: 7
D&C 130:20-21	D&C 11: 10, 14, 17				

Além disso, leia os vários episódios do Livro de Mórmon alistados abaixo e analise o papel que a fé desempenhou em cada um deles. Observe especialmente os vários poderes do céu que se manifestaram e as diversas circunstâncias em que eles foram dados para ajudar os homens:

1 Néfi 1: 5-19 ; 2: 1 – 4 ; 2: 16: 20 ; 3: 2:31 ; 4: 1 – 27 ; 7: 1 – 22 ; 11: 1 – 6 ; 16: 18 – 31 ; 17: 7 – 55 ; 18: 1 – 3 ; 18: 9 – 22

Jacó 7: 1 – 22.

O livro de Enos.

Palavras de Mórmon 13: 14

Mosias 7: 1 – 33 ; 22: 1 – 16 ; 23: 25 – 39 ; 23: 25 – 39 ; 24: 1 – 25 ; 27: 1 – 37

Alma 2: 1–36; 2: 1–3 ; 14: 1–29; 15: 1–12; 16: 1–8; 17–36; 43: 4–54; 44: 1–20; 46 1–37; 48: 1–17; 49: 1–28

3 Néfi 3: 9 – 25 ; 4: 1 – 12 ; 24: 33 ; 7: 15 – 22 ; 17: 5 – 8 ; 20 ; 17: 21 – 24 ; 19: 35 – 36.

4 Néfi 29 até 33

Mórmon 1: 13 – 17 ; 3: 7 – 16 ; 8: 10 – 11 ; 9: 15 – 27.

Éter 1 até 3 ; 6: 6: 1 – 17 ; 12: 1 – 41

Moroni 7: 33 – 48 ; 8: 22 – 29 ; 9: 1 – 6 ; 10: 1 – 25.

Helamã 4: 1 – 26 ; 5: 1 – 51 ; 6: 1 – 6 ; 7 até 12

Após Ter lido as escrituras acima, procure identificar os casos em que os poderes do céu foram abertos como resultado da fé individual.

Avalie freqüentemente sua habilidade de estabelecer e alcançar metas fazendo a si mesmo as seguintes perguntas:

1. Sigo constantemente os conselhos do Presidente Kimball e estabeleço metas?
2. Quanto faço metas que não podem ser atingidas sem ajuda do Senhor, relembro o papel da fé em evocar os poderes do céu?
3. Guardo em mente os seguintes pontos, quando faço minhas metas?
 - A – Minhas metas são realísticas?
 - B – Focalizo minha atenção em algumas metas pertinentes a de uma só vez, ou tento centralizá-la em diversas metas simultaneamente?
 - C – Existe desafio em minhas metas?
 - D – Ao estabelecer metas, procuro obter o conselho de outras pessoas para saber se é uma expectativa realísticas?
 - E – Costumo estabelecer metas de curto e de longo prazo?
 - F – Minhas metas são baseadas em motivos apropriados e de acordo com a vontade do Senhor?
4. Comprometo-me a realizar metas difíceis fazendo convênio com meu Pai Celestial?
5. Ao traçar metas, comparo sabiamente as prioridades?
6. Procuro chegar-me ao Espírito do Senhor para livrar-me do desânimo?
7. Faço uma avaliação constante de meu desempenho em realizar minhas metas?
 - A – Estabelecendo minhas metas por escrito
 - B – Avaliando regularmente o meu desempenho no sentido de alcançar a meta estabelecida?
8. Estou usando cada meta com um meio e não o fim? (exemplo: a realização de metas que fazem com que eu trabalhe com maior diligência?)
9. Faço um grande esforço para focaliza meus pensamentos em minhas metas:
10. Tenho obtido êxito em suportar a provação da minha fé?